



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS SEDE CAMPINA GRANDE  
CEDUC – CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**MATHEUS GLEYDSON DO NASCIMENTO SALES**

**O ANTISSEMITISMO NA ALEXANDRIA HELENÍSTICA DO PRIMEIRO SÉCULO:  
TIBÉRIO JÚLIO ALEXANDRE, O JUDEU QUE ASSEDIU JERUSALÉM**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

MATHEUS GLEYDSON DO NASCIMENTO SALES

**O ANTISSEMITISMO NA ALEXANDRIA HELENÍSTICA DO PRIMEIRO SÉCULO:  
TIBÉRIO JÚLIO ALEXANDRE, O JUDEU QUE ASSEDIU JERUSALÉM**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

**Orientador:** Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S163a Sales, Matheus Gleydson do Nascimento.

O antissemitismo na Alexandria Helenística do Primeiro Século [manuscrito] : Tibério Júlio Alexandre, o judeu que assediou Jerusalém / Matheus Gleydson do Nascimento Sales. - 2023.

53 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira, Coordenação do Curso de História - CEDUC. "

1. Antissemitismo. 2. Judaísmo. 3. Antiguidade. 4. Helenismo. 5. Roma. I. Título

21. ed. CDD 937

MATHEUS GLEYDSON DO NASCIMENTO SALES

**O ANTISSEMITISMO NA ALEXANDRIA HELENÍSTICA DO PRIMEIRO SÉCULO:  
TIBÉRIO JÚLIO ALEXANDRE, O JUDEU QUE ASSEDIOU JERUSALÉM**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

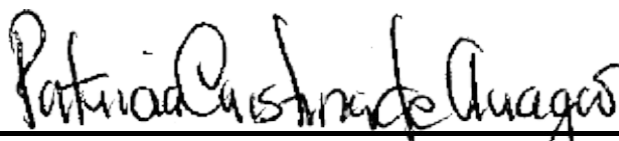
Aprovada em: 30/11/2023.

**BANCA EXAMINADORA**



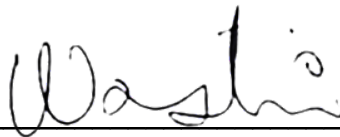
---

Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Dra. Patrícia Cristina de Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Washington Luiz Martins da Silva  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

A todas as vítimas do antissemitismo contemporâneo que ainda resistem em manter sua identidade, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

São muitas as pessoas a quem devo os meus sinceros agradecimentos, mas como não poderia ser diferente, começo agradecendo ao bondoso Deus, que me deu as ferramentas necessárias para a feitura deste trabalho que agora ganha rosto.

Agradeço também à minha família, meus pais e irmãs. Agradeço de maneira especial ao meu professor e amigo Dr. Matusalém Alves Oliveira, que me instruiu no melhor caminho acadêmico desde o primeiro período. Agradeço a Filipe José Rodrigues Azevedo Maul, grande amigo que me auxiliou com fontes e materiais de pesquisa, sem os quais não poderia ter concluído esse trabalho. Ao meu amigo Luan Vieira, Pail do Hashomer Hatzair em Natal-RN. À minha amiga Profa. Juliana Nascimento de Almeida, que me auxiliou durante todo o curso e foi fundamental na coorientação deste trabalho. À minha amiga Lívia de Araújo Ribeiro Gomes, que me auxiliou na revisão ortográfica. À Profa. Me. Alana de Moraes Leite, que foi a melhor professora que tive e que me inspirou durante todo o curso.

Ao meu amigo Prof. Dr. Fábio Alves Gomes, que foi o primeiro a me alertar acerca da importância de escrever sobre o antissemitismo.

Ao Hashomer Hatzair, que através das vivências e experiências me motivou e me forneceu muito material para esta pesquisa. À Casa de Cultura Roza Robota de Buenos Aires, que me disponibilizou o acervo do Congreso Judío Latinoamericano.

Agradeço a todos os funcionários da Universidade Estadual da Paraíba, sempre muito solícitos, que puderam tornar o caminho até a graduação menos árdua.

A todos os colegas com quem tive o prazer de partilhar a sala de aula.

“Se o inimigo vencer, nem mesmo os mortos estarão a salvo dele” (Walter Benjamin).

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar as origens do antissemitismo na antiguidade clássica, mais especificamente na cidade de Alexandria, no Delta do Nilo, através de uma pesquisa bibliográfica e documental, a fim de compreender como o ódio aos judeus foi disseminado através de uma escrita arbitrária e unilateral por parte dos opressores romanos, gregos e egípcios helenizados, como o constante antissemitismo levou ao rompimento da identidade e pertencimento de um judeu chamado Tibério Júlio Alexandre, e como este se virou contra seu povo e destruiu a cidade sagrada de Jerusalém. Para tanto, foram usados autores clássicos, como Filon de Alexandria (séc. I d.C.), Flávio Josefo (séc. I d.C.), Hecateu de Abdera (séc. IV a.C.), Apion de Alexandria (séc. I d.C.) e Maneton (séc. III a.C.), assim como autores modernos, como Esteban N. Veghazi (1974), Ezra Y. Haddad (1972), Fátima Aguayo Hidalgo (2002) e Tatiana José Rodrigues Faria (2010). Como aporte teórico, foram utilizados autores que tratam sobre conceitos de alteridade, como Emmanuel Lévinas (2002), pensadores que versam sobre memória e pertencimento, como Pierre Nora (1993), além de Canclini (1997), Michel Wieviorka (2012), Cuche (1999), Walter Benjamin (2013) e Halbwachs (1925). O propósito do trabalho, portanto, é uma reflexão sobre como a autoridade da historiografia ajudou a perpetuar os mais antigos e nocivos mitos sobre a cultura judaica, que surgiram em tempos remotos, mas ainda sobrevivem no imaginário popular. Por conseguinte, a pesquisa é frutífera em concordar que, através de uma autodeterminação, o povo judeu pode, depois de muito tempo, escrever a sua própria história e localizar o seu mundo.

**Palavras-Chave:** antissemitismo; judaísmo; antiguidade; helenismo.



## ABSTRACT

This work aims to investigate the origins of antisemitism in classical antiquity, more specifically in the city of Alexandria, in the Nile Delta, through bibliographic and documentary research, in order to understand how hatred towards Jews was disseminated through arbitrary writing and unilateral on the part of the Roman, Greek and Hellenized Egyptian oppressors, how constant anti-Semitism led to the disruption of the identity and belonging of a Jew named Tiberius Julius Alexander, and how he turned against his people and destroyed the holy city of Jerusalem. To this end, classical authors were used, such as Philo of Alexandria (1st century AD), Flavius Josephus (1st century AD), Hecataeus of Abderah (4th century BC), Apion of Alexandria (1st century AD) and Manethon (3rd century BC), as well as modern authors, such as Esteban N. Veghazi (1974), Ezra Y. Haddad (1972), Fátima Aguayo Hidalgo (2002) and Tatiana José Rodrigues Faria (2010). As a theoretical contribution, authors who deal with concepts of otherness were used, such as Emmanuel Lévinas (2002), thinkers who deal with memory and belonging, such as Pierre Nora (1993), in addition, Canclini (1997), Michel Wieviorka (2012), Cuche (1999), Walter Benjamin (2013) and Halbwachs (1925). The purpose of the work, therefore, is a reflection on how the authority of historiography helped to perpetuate the oldest and most harmful myths about Jewish culture, which emerged in ancient times, but still survive in the popular imagination. Therefore, the research is fruitful in agreeing that, through self-determination, the Jewish people can, after a long time, write their own history and locate their world.

**Keywords:** antisemitism; judaism; antique; hellenism.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa dos portos e a cidade de Alexandria. ....	30
Figura 2 - Uma História do Povo Judeu durante os períodos Macabeus e Romanos.....	33
Figura 3 - Imperador Tito Vespasiano a Cavalo, de 'Os Doze Primeiros Césares Romanos' depois da Tempestade. ....	41
Figura 4 - Uma descrição da antiga Jerusalém, de acordo com Villalpandus.....	42
Figura 5 - Angelus Novus. ....	48
Figura 6 - Tibério Júlio Alexandre derrubando as muralhas. ....	49

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2 JUDEU: O OUTRO DIFERENTE E IDENTIDADE E ALTERIDADE JUDAICA</b>	<b>16</b>
2.1 As fontes clássicas para o entendimento da história judaica	19
<b>3 CALÚNIAS E AS PRIMEIRAS ALTERAÇÕES ANTISSEMITAS</b>	<b>27</b>
<b>4 A COMUNIDADE JUDAICA DE ALEXANDRIA NO PERÍODO ANTERIOR A 38 D.C.</b>	<b>30</b>
4.1 Roma interfere em Alexandria	32
4.2 A passagem de Herodes Agripa por Alexandria	34
<b>5 TIBÉRIO JÚLIO ALEXANDRE, O JUDEU QUE ASSEDIOU JERUSALÉM</b>	<b>37</b>
5.2 Sobre a família de Tibério Júlio Alexandre	40
5.3 A sua carreira como oficial romano	41
5.4 A noção de identidade e pertencimento dos judeus no primeiro século	43
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo geral<sup>1</sup> analisar as origens do fenômeno conhecido como antissemitismo, traçando suas origens desde tempos remotos e acompanhando seu desenvolvimento por toda antiguidade clássica, culminando finalmente com seu apogeu no primeiro século da era comum, quando na altura das guerras romano-judaicas a assimilação causada pelo constante antissemitismo levou um oficial romano de origem judaica, Tibério Júlio Alexandre<sup>2</sup>, a sitiar Jerusalém, destruir seu templo e tornar-se, conseqüentemente, uma figura que reforçou o antissemitismo. Os objetivos específicos são: conhecer os autores clássicos que escreveram acerca dos judeus, entender a arbitrariedade de seus escritos, seu desconhecimento da história e tradição israelitas, assim como as omissões e distorções. A problemática é a discussão de como o antissemitismo constante pode levar a assimilação forçada ou consciente, e como o rompimento do sentimento de pertencimento e memória pode ser um malefício a toda a comunidade israelita. Sobre o recorte, é amplamente reconhecido que o período helenístico, tradicionalmente demarcado até 32 a.C., delimita uma fronteira cronológica. No entanto, é pertinente destacar que grande parte das discussões neste estudo transcende esse limite temporal. Analogamente, assim como os habitantes de Constantinopla não experimentaram uma transição abrupta de uma era medieval para uma moderna na manhã de 29 de maio de 1453, muitos elementos da estrutura social helenística perduraram por séculos, particularmente evidentes no contexto do Egito e da região do Levante.

Este trabalho se justifica dada a escassez de conteúdo sobre o antissemitismo na Grécia e Roma clássica em língua portuguesa e a total inexistência de trabalhos que versam sobre Tibério Júlio Alexandre em língua latina, como um assunto que durante muito tempo esteve silenciado, sendo esta, portanto, uma obra inédita. Além disso, a discussão sobre esse tema é importante na luta contra o antissemitismo moderno nas suas múltiplas expressões, percebendo na Antiguidade Clássica a raiz de tanto ódio.

---

<sup>1</sup> É possível entender esse trabalho como uma produção estruturalista (ainda que também façamos uso de autores pós-estruturalistas), inspirado no que Raul Hilberg fez ao escrever *A Destruição dos Judeus Europeus* (1961).

<sup>2</sup> Oficial romano de origem judaica que serviu como governador da província do Egito e Judeia durante o reinado de Cláudio. Era o segundo em comando no cerco romano que levou à destruição do Templo de Jerusalém.

Portanto, neste trabalho propomos um recorte temporal, Alexandria do século I d.C., que analisa o primeiro século de nossa era, utilizando autores como Fílon de Alexandria (Flaco, Séc. I; Embaixada a Gaio, Séc. I) e Flávio Josefo (Antiguidades Judaicas, Séc. I), além de Hecateu de Abdera e outros pesquisadores atuais, como Esteban N. Veghazi (1974), Ezra Y. Haddad (1972), Fátima Aguayo Hidalgo (2022) e Tatiana José Rodrigues Faria (2010). Como base teórica propomos a utilização de conceitos como memória, identidade e pertencimento, encontrados nos autores Pierre Nora (1993), Canclini (1997), Michel Wieviorka (2012), Cuche (1999), Walter Benjamin (2013) e Halbwachs (1925), a fim de investigar a origem dos mitos antissemitas e como eles se proliferaram por todo mundo clássico, atingindo os judeus na Ásia e na Europa. Com isso, propomos uma discussão sobre a problemática e a necessidade de maior acesso ao tema, com o intuito de incentivar a pesquisa e conscientizar a sociedade sobre os riscos de uma narrativa arbitrária e não correspondente aos fatos.<sup>3</sup>

Toda a história do povo judeu pode ser encontrada nas entrelinhas dos maiores impérios e civilizações. Nos mais importantes eventos da antiguidade é possível encontrar vestígios de sua influência, ainda que estas possam parecer escassas. Sejam os soldados judeus que acompanharam Alexandre Magno em sua campanha pela Ásia 326 a.C., seja no campo filosófico com a grande contribuição de Fílon de Alexandria<sup>4</sup> para o neoplatonismo, que inspiraria homens da estatura moral de Plotino e Porfírio alguns séculos depois. Por onde quer que passassem, os judeus deixavam suas marcas e influência, o que desde tempos remotos levantou ódio e perseguição daqueles que almejavam a sua destruição (Veghazi, 1974).

Caso algum conhecedor da história hebreia fosse indagado sobre quando se deu o primeiro ato explicitamente antissemita contra o povo judeu e sua cultura, poderia sem demora responder que o relato se encontra no livro bíblico do êxodo, na

---

<sup>3</sup> Aqui vale tomar nota acerca daquilo que entendemos como um ato explicitamente negacionista. É importante refletir como o negacionismo tem suas raízes em épocas anteriores à contemporaneidade e como foi se agravando com o decorrer da história e a força com a qual age quando o assunto é judaísmo. Um exemplo na literatura é o infame texto “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, uma obra profundamente antissemita, repleta de teorias conspiratórias e negacionistas. Portanto, podemos apresentar alguns pontos que caracterizam o negacionismo: Rejeição de Evidências Científicas ou Históricas; Desconfiança das Instituições e Especialistas; Seleção Seletiva de Informações; Disseminação de Desinformação, etc.

<sup>4</sup> Um dos mais importantes filósofos neoplatônicos de sua época. De origem judaica, escreveu comentários do gênesis à luz da filosofia platônica. Também foi um dos ilustres da cidade Alexandria a defender os judeus dos atos antijudaicos, chegando mesmo a organizar uma embaixada Calígula (Gaio).

altura que o faraó mandou assassinar todas as crianças hebreias do sexo masculino que nascessem naquela época. Essa resposta mostraria ser sensata, todavia, apesar de ser uma ação de extrema crueldade, o rei egípcio não a fez por motivos raciais ou culturais, tampouco almejando o genocídio, a fez senão por motivos estritamente políticos, a fim de garantir a manutenção de seu poder régio (Veghazi, 1974).

Em 1878 o judeu alemão Wilhelm Marr<sup>5</sup> (1819-1904) foi o primeiro a cunhar o termo “antissemita”, de início significando uma disposição hostil à etnia e cultura semítica, e mais tarde, tornou-se geralmente atribuída ao ódio aos judeus e seus costumes (Veghazi, 1974, p. 8). Tomando essa definição como a mais apropriada, podemos trabalhar com a hipótese de que não houve uma demonstração de ódio à etnia e cultura hebraica e uma clara disposição ao genocídio, pelo menos não explicitamente e institucionalmente, antes do 38 d.C. Portanto, propomos uma análise histórica do movimento de ódio aos judeus durante o século primeiro, a fim de compreender quando se instalou uma antipatia e perseguição metódica e explícita.

Essa negação identitária e cultural imposta pelos seus opressores muitas vezes levou a comunidade judaica local a procurar preservar seus costumes e crenças de maneira mais reservada, isto é, privando-se de assuntos políticos, ainda que estivessem inseridos culturalmente naquele meio (Haddad, 1972). O maior exemplo disso foi a comunidade judaica de Alexandria, no Delta do Nilo. Segundo Flávio Josefo<sup>6</sup> (2013), os judeus habitavam a cidade desde a época de sua fundação por Alexandre Magno. O conquistador macedônio concedeu aos judeus os mesmos privilégios que desfrutavam os gregos. Fílon de Alexandria escreve que os judeus habitavam em colônias desde sua fundação, “para agrado dos seus fundadores”<sup>7</sup>, e que durante toda a dinastia ptolomaica sobre o Egito<sup>8</sup> até a conquista romana os judeus gozaram, via de regra, de paz.

Nessa metrópole, os judeus estavam habituados à vida segundo a concepção helenística predominante. Sentiram a necessidade de traduzir a Bíblia para a versão

---

<sup>5</sup> Wilhelm Marr foi um judeu alemão de origem askenazita nascido em Magdeburgo em 1819. Cunhou o termo “antissemita” como eufemismo da palavra alemã *Judenhass* (ódio aos judeus). O termo aparece pela primeira vez no livro *Zwanglose Antisemitische Hefte* de 1881.

<sup>6</sup> Flávio Josefo foi sacerdote e um dos mais importantes historiadores judeus da antiguidade. Veterano das guerras romano-judaicas, escreveu obras em defesa do povo judeu contra as acusações de Apion e Maneton.

<sup>7</sup> Flaco 46.

<sup>8</sup> Ver: Yahudya Masriya, Los Judíos en Egpto. Buenos Aires, 1972.

grega, a qual ficou conhecida como *Septuaginta*<sup>9</sup>, que proporcionou o intercâmbio cultural entre a lógica e a filosofia gregas com os mistérios e símbolos orientais.

Sendo um grupo minoritário, apesar de haver muitos judeus em Alexandria<sup>10</sup>, a responsabilidade de cada judeu se estendia ao outro. Na sociedade deles, arraigou-se uma intensa sensação de fraternidade em relação aos seus compatriotas, mesmo quando estes vinham de regiões distantes. Isso se devia ao fato de que obedecer às leis mosaicas não apenas trazia uma satisfação espiritual, mas também implicava em ações profundamente práticas: era um meio de fortalecer a coesão em torno do que os unia. Firmes em sua identidade, não se deixavam afetar quando outros povos os identificavam como judeus em primeiro lugar e, eventualmente, como cidadãos, quando essa consideração surgia. A partir desse ponto, não se poderia apontar um idioma comum compartilhado entre as diversas comunidades judaicas espalhadas pelo mundo; o hebraico havia quase caído no esquecimento, assim como não existia uma cultura uniforme. No entanto, a ligação com a tradição, apesar das particularidades, constituía a força que os manteve resilientes em sua batalha contra a assimilação.

É impossível discutir o sério problema do antissemitismo sem levar em consideração a complexa dinâmica dos processos históricos em cada contexto. Os judeus não foram os únicos alvos de perseguição no mundo antigo; à medida que a interação entre diferentes povos e culturas foi aumentando, também cresceu a aversão aos costumes considerados estrangeiros. Sob uma perspectiva cultural, as sociedades frequentemente definem sua identidade em contraposição aos outros grupos, e a narrativa histórica nos revela que sempre que uma nova potência surge, surge também um sentimento de desconfiança e hostilidade.

Assim sendo, o antissemitismo reflete sempre as características da sociedade de sua época. Contudo, o que todas essas épocas têm em comum é a natureza não lógica nem racional desse ódio, sendo mais bem compreendido como um problema gerado por emoções irracionais. Não há evidência de um antissemitismo global que tenha atingido simultaneamente todas as comunidades judaicas no mundo, mas

---

<sup>9</sup> Primeira versão da Bíblia hebraica traduzida para o grego koiné no século II por setenta sábios judeus, por isso o nome *septuaginta*.

<sup>10</sup> A tradição conta que havia tantos judeus em Alexandria, que durante os serviços religiosos na sinagoga, o oficiante contava com auxílio de bandeiras para que todos pudessem acompanhar a liturgia.

existem registros de calúnias que remontam a mais de dois mil anos e que, infelizmente, continuam ressurgindo em momentos específicos.

Propomos uma análise da vida e feitos de Tibério Júlio Alexandre, como a assimilação causada pelo forte antissemitismo em Alexandria do primeiro século, que o levaria a abandonar a fé de seus ancestrais e destruir a cidade sagrada de Jerusalém e assassinar seu povo. Entendendo, como diz Pierre Nora (1993), o esquecimento não é necessariamente uma lacuna na história, mas pode ser uma oportunidade para reinterpretar e recontextualizar o passado.

Para tal, o trabalho está dividido em capítulos e estes, por sua vez, em tópicos. A primeira parte do trabalho se dedica a elucidar como se deu a pesquisa e a análise crítica do tema proposto. Em seguida, foi exposta uma problemática acerca das fontes clássicas e como seu uso acarretou a arbitrariedade da narrativa e o silenciamento da memória do povo judeu, e como o ódio resultante do antissemitismo foi algo intencional orquestrado por aqueles que desejavam a destruição dos judeus. O quarto ponto versa sobre as primeiras calúnias e acusações levantadas contra os judeus e como estas foram produzidas e difundidas, intencionalmente, pelos maiores intelectuais de sua época. Nos pontos quinto e sexto há uma descrição sobre o cenário da cidade de Alexandria no primeiro século, para isso utilizando o conceito de cenário abordado pelos pós-estruturalistas,<sup>11</sup> como um local que estava sempre em mudança e respondia aos estímulos culturais externos. O capítulo sétimo, apresenta a vida e feitos de Tibério Júlio Alexandre, um judeu romanizado que se volta contra seu povo e é protagonista de um dos maiores desastres na história judaica na antiguidade, a destruição do Segundo Templo e o exílio, com o objetivo de compreender como o incessante antissemitismo acarretou na assimilação de Tibério e de analisar a memória e identidade do povo judeu a partir de um cenário catastrófico específico, neste caso, a destruição de Jerusalém.

A pesquisa possui finalidade analítica e descritiva, desenvolvida à luz dos conceitos e problemática da natureza do discurso de Foucault (1996) e Certeau (1982), além do conceito de alteridade do filósofo franco-lituano Emmanuel Lévinas (2002). A disposição do seguinte trabalho e pesquisa, por sua vez, se deu através de três fases: a primeira fase consistiu na análise dos primeiros registros e fontes

---

<sup>11</sup> As correntes do pós-estruturalismo são amplas e abrangem vários autores. Neste trabalho, usamos pensadores de linhas diferentes, como Certeau, Foucault e Hayden White, que apesar de possuírem pensamentos distintos, nos ajudam a refletir sobre a natureza do discurso.



antissemitas no mundo antigo, usando para isso os fragmentos dos greco-egípcios preservados por Flávio Josefo, especialmente Apion de Alexandria e Maneton, com o objetivo de investigar a questão central do trabalho, à qual é: como o constante antissemitismo no primeiro século causou a assimilação e dispersão de tantos judeus em Alexandria. A segunda parte, foi composta por um compilado de acusações e calúnias levantadas contra os judeus e sua cultura, com o objetivo de apresentar essas retóricas vazias e compreendê-las como a gênese do ódio aos judeus. A terceira parte, consistiu na apresentação da personagem Tibério Júlio Alexandre, um judeu assimilado que fez carreira na política romana, sendo o segundo em comando durante a destruição de Jerusalém e do Templo. No mundo globalizado, a assimilação cultural tornou-se uma realidade ubíqua, especialmente devido ao fácil acesso à informação. As culturas que durante séculos foram perseguidas e sobreviveram graças aos esforços desmedidos daqueles que zelosos pela sua cultura, estão cada vez mais em risco de serem absorvidas pela cultura dominante, levantando preocupações significativas sobre a perda da diversidade cultural.

Analisando a problemática com o objetivo de esclarecer a origem do antissemitismo institucional e a influência danosa que esta exerce na assimilação contemporânea de milhares de judeus por todo o mundo, este artigo promove uma discussão sobre os perigos de uma assimilação, desta vez não forçada, mas sim voluntária e talvez mais nociva.

## 2 JUDEU: O OUTRO DIFERENTE E IDENTIDADE E ALTERIDADE JUDAICA

Neste capítulo, abordaremos a imagem retratada dos judeus e como ela se encontra repleta de generalizações e equívocos, muitas vezes intencionais, a fim de desumanizar o povo israelita frente à sociedade. Além disso, a historiografia oficial, durante muito tempo, voltou-se apenas à escrita greco-romana sobre os israelitas, identificando-os e enclausurando-os à sua própria interpretação.

A História é um discurso pronto. Partindo dessa premissa pós-estruturalista, é possível pensar que aqueles que se dedicaram a escrever sobre os judeus e a sua cultura, o fizeram com um propósito: todo discurso está carregado de intenção (Foucault, 1996), logo, é forçoso refletir sobre aquilo que os autores clássicos queriam transmitir. Durante muito tempo, a história dos judeus não foi escrita nem por judeus, nem para a comunidade judaica. Os historiadores gregos tinham como narratário<sup>12</sup> outros helenos, isto é, o pressuposto do Eu lírico visava o não-judeu. Os greco-sírios procuravam autodeterminar-se enquanto povo na medida que identificavam os outros povos como estrangeiros à cultura helênica. Em um processo de longa duração (Braudel, 2015), a animosidade para com o judeu foi se consolidando na sociedade greco-romana. A raiz histórica resultante de interpretações errôneas sobre o povo judeu levou ao ódio e à mentalidade de que, ao reduzir a cultura hebraica a quase nada, resultaria em um movimento profilático em relação à defesa de sua própria identidade.

É possível indagar como é escrita a história judaica no mundo antigo e no mundo clássico? Tendo em mente a análise de Certeau (1982) sobre a natureza do discurso e a escrita da história, é evidente que a historiografia não é ingênua, senão é preciso examinar como os historiadores clássicos e modernos, ao escrever, frequentemente exercem poder e autoridade, utilizando para isso artifícios de memória e silenciamento: as lembranças pessoais e coletivas desempenham um papel fundamental na construção da narrativa histórica e exercem influência sobre a autoridade de autodeterminação identitária e a sua contrapartida à alteridade.

Durante muito tempo, a historiografia oficial que versava sobre os judeus foi dita por outros estrangeiros à cultura hebraica. Logo, desde tempos remotos houve a divisão entre a identidade dos judeus enquanto povo autodeterminante e consciente de sua história e tradição, e o pressuposto concebido por outro, promovido na

---

<sup>12</sup> Esse conceito na crítica literária também é conhecido como teoria da recepção. Primeiro trabalho por Hans Robert Jauss.

medida em que os greco-sírios e os egípcios helenizados definiam o que os judeus eram. Evidentemente, a historiografia não judaica prevaleceu e o enunciado greco-romano ganhou corpo de discurso oficial. Certeau (1982) argumenta sobre a natureza plural e fragmentária da história, na medida que é composta por uma multiplicidade de vozes e perspectivas, portanto, o historiador não apenas descobre os fatos, mas constrói conscientemente narrativas.

Um dos autores que mais se dedicou ao conceito de alteridade foi o franco-lituano Emmanuel Lévinas (2002), um filósofo profundamente influenciado pelo seu momento histórico: criado em um lar judaico, viveu os horrores da Segunda Guerra Mundial e o holocausto nazista, no qual a maior parte de seus familiares foi assassinada. Neste cenário, aparece a redução das pessoas - do *outro* - ao nada. Tanto na Segunda Guerra Mundial como na Alexandria do século I d.C., o outro foi reduzido ao não-ser absoluto.

O mundo dos gregos era um ambiente profundamente racional, não chegando à total rejeição da metafísica como ocorreria no período elizabetano dos séculos XVI e XVII. Contudo, as práticas místicas e o pensamento simbólico oriental eram estranhos à cultura helênica hegemônica. Lévinas (2009), faz uma crítica à ontologia inaugurada pelos filósofos gregos como egocêntrica, que no decorrer da história, apenas se preocupa com o Eu. Portanto, na Alexandria do primeiro século, os autores helenizados não estavam preocupados em compreender a fundo a crença do outro, mas sim em investigar nela as diferenças que definiriam a si mesmos. Sobre esse movimento, o que Lévinas escreve, ainda que se referindo ao século XX, pode ser usado na compreensão do cenário em Alexandria do primeiro século:

A crise do humanismo em nossa época tem, sem dúvida, sua fonte na experiência da ineficácia humana posta em acusação pela própria abundância de nossos meios de agir pela extensão de nossas ambições. (Lévinas, 1993, p. 82).

Sendo, portanto, a consequência dessa ação uma sociedade na qual o sujeito se encontra enclausurado em si mesmo. Em outras palavras, é possível imaginar a crítica de como o pensamento lógico grego despreza e marginaliza o pensamento oriental. Sobre isso, Lévinas escreve: todo o respeito pelo 'mistério humano' é denunciado, conseqüentemente, como ignorância e impressão (Lévinas, 2009, p.92). Contudo, o filósofo ainda mostra-se, em certa medida, esperançoso, ao afirmar que o fracasso não foi do humanismo, mas sim das interpretações que foram feitas dele. Segundo Lévinas (2009), há no homem certo grau de consciência em

relação à alteridade. Logo, a mudança deve ser, segundo o autor, interior, com a percepção da responsabilidade pela liberdade do outro. Sobre isso, Lévinas nos mostra o seguinte:

A passividade pura que precede a liberdade é responsabilidade. Mas a responsabilidade que não deve nada à minha liberdade é minha responsabilidade pela liberdade dos outros. Lá onde eu teria podido permanecer como espectador, eu sou responsável, em outros termos, tomo a palavra. (Lévinas, 2009, p. 77).

Portanto, é possível concluir que, para Lévinas (2009) na medida em que a sociedade continuar elevando o Ser nos moldes da ontologia ocidental grega como algo prioritário, a ética da alteridade não terá espaço, pois não haverá lugar para o respeito e responsabilidade para com o próximo. Por conseguinte, a educação desempenha um papel crucial, pois é por meio dela que os indivíduos entram em contato com a realidade e com o mundo, possibilitando a assimilação da habilidade de se abrir para a compreensão do outro.

Abre-se, então, a possibilidade de entender o outro a partir de sua própria autodeterminação e não pelo olhar narratário criado por outros. Hoje é possível compreender a história israelita através dos seus próprios escritos e tradição oral, seja no Talmude, seja em seus costumes e tradições, ainda que estas últimas fujam à historiografia oficial.

Durante todo o século XIX, a historiografia oficial considerou apenas o documento escrito como registro histórico válido, sem considerar aspectos culturais ágrafos como dignos de nota. Contudo, a Escola dos *Annales* no século XX, encabeçada por Marc Bloch e Lucien Febvre, desfraldou uma nova era na historiografia na altura que passaram a considerar uma gama maior de documentação. Essa nova visão de registro histórico possibilitou que produções outrora com pouca importância acadêmica agora ganhassem protagonismo e relevância. Nesse sentido, a Bíblia<sup>13</sup> como um conjunto de tradições e cultura se caracteriza como o maior documento do povo judeu, podendo ser compreendida, segundo o conceito de Walter Benjamin (2013), no campo de “arquivos”.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Apesar da Bíblia ser o principal livro, o Talmude poderia ser considerado a mais importante obra literária do judaísmo.

<sup>14</sup> Nesta obra, compreendemos o uso da Bíblia como fonte secundária, entendendo que a mesma trata-se, muitas vezes, de literatura com núcleos históricos.

## 2.1 As fontes clássicas para o entendimento da história judaica

De início, convém categorizar as fontes utilizadas neste trabalho e como as consegui. Portanto, as fontes das quais esse trabalho se utilizou encontram-se, majoritariamente, em língua espanhola e foram editadas, em sua maioria, pelo Congreso Judío Latinoamericano<sup>15</sup> de Buenos Aires. Cabe destacar, entre outros, que dois autores importantes nesse quesito foram Esteban Veghazi, um húngaro nascido em 1923 na pequena cidade de Gyöngyös, o qual, ao imigrar para a Argentina, fundou a cátedra de Estudos Judaicos na Universidad El Salvador de Buenos Aires junto ao cardeal Dr. Antonio Quarracino, na altura bispo de Avellaneda. Veghazi escreveu como tese de doutorado o livro “El antisemitismo en la Antigüedad”, o qual nos foi muito útil. Outro autor caro a este trabalho foi o historiador iraquiano-israelense Ezra Haddad, nascido em Bagdá no ano de 1903, do qual foram extraídas inúmeras obras que serviram como intermediadores com as fontes clássicas. Coube a este trabalho a empreitada de traduzir as obras acima citadas. Outras fontes clássicas importantes, como as de autores greco-romanos, tivemos acesso graças à preservação de autores como Flávio Josefo (século I d.C.) e Diodoro Sículo (século. I a.C.), cujas obras nos foram acessíveis.

Os relatos e fontes clássicas que resistiram à ação do tempo e chegaram até os dias atuais mostram, sem dúvida, que os caluniadores e acusadores do povo judeu eram, senão os primeiros entre os primeiros, os mais cultos e letrados da época: professores, filósofos, demagogos, gramáticos, políticos e historiadores. O que todos esses homens possuíam em comum, via de regra, era um profundo desconhecimento da religião e modo de vida dos judeus. Poucos eram aqueles que conheciam os textos bíblicos, menor ainda era o número daqueles que já tiveram contato com outras obras como o Talmude e outros escritos. A crítica pós-estruturalista que versa sobre a linha da linguística, como é o caso de Hayden White (1928-2018), aponta que, supostamente, o historiador nunca chega à materialidade do fato<sup>16</sup>, senão apenas cita textos que cita outros textos, e assim por diante. “O historiador em seu ofício não apresenta a verdade histórica, mas o fruto de suas escolhas teóricas e metodológicas, afinal, é ele quem escolhe, consciente e inconscientemente, com quais evidências trabalhar.” (Leite; Schurster, 2020, p.401).

---

<sup>15</sup> Trata-se de um organismo internacional que reúne as comunidades judaicas latinoamericanas. É composta por 18 países da região e é um braço do Congresso Judaico Mundial.

<sup>16</sup> Carlo Ginzburg irá discordar veementemente de Hayden White, afirmando que existe o fato em si, o que Immanuel Kant chama de “coisa em si”.

Portanto, muitas vezes os autores clássicos partiam da superficialidade e limitavam-se a repetir apenas o que tinham escutado, adicionando calúnias aos elementos conforme sua necessidade ou interesse.

Os primeiros registros sobre os israelitas escritos por povos vizinhos não relataram quaisquer tipos de violência física ou simbólica de ambas as partes, mas sim uma genuína curiosidade acerca da cultura hebraica, que aos olhos especialmente dos gregos era algo completamente novo. Embora existam referências aos judeus em escassos textos antigos como os de Heródoto (484-425 a.C.), Alceu (630-580 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.), não há menção clara e definitiva sobre os judeus. Heródoto se limita a descrever que os sírios e fenícios,<sup>17</sup> na terra dos cananeus aprenderam a arte da circuncisão com os egípcios; Alceu descreve a cidade de Ascalon<sup>18</sup> e Aristóteles faz uma simples menção ao Mar Morto<sup>19</sup>.

A falta de conhecimento acerca dos costumes do povo judeu levou a ideias simplistas e equívocos históricos. Alguns autores gregos comparam e até mesmo confundem o pensamento hebraico com a filosofia hindu e de outros povos do oriente (Neto, 2018).

Contudo, apesar de não estarem totalmente errados, a confusão se dava pela necessidade de entender a cultura hebraica, usando para isso a comparação com outros povos já conhecidos. No mais, com exceção do livro bíblico de Ester, quando os judeus persas se viram diante de genocídio e catástrofe completa:

E Hamã disse ao rei Achashverosh: existe espalhado e dividido entre os povos em todas as províncias do teu reino um povo, cujas leis são diferentes das leis de todos os povos, por isso não convém ao rei deixá-lo ficar [...] Se bem parecer ao rei, decrete-se que os matem; e eu porei nas mãos dos que fizeram a obra dez mil talentos de prata, para que entrem nos tesouros do rei. (Ester: 3: 8-9).

E do livro apócrifo dos Macabeus, que relata como o rei selêucida Antíoco IV Epifânio<sup>20</sup> tentou por uso da força substituir a cultura hebraica, que ele via como bárbara, pela helenística, não é possível encontrar qualquer tipo de literatura hostil e

<sup>17</sup> A referência (Σύριοι οἰκιστὴ Παλαιστίνῃ) tudo leva a crer, se refere aos judeus. Outros autores como Ovídio (*Ars Amatoria*, 1.75-76) usam a mesma nomenclatura, ao que parece, para se referir aos judeus.

<sup>18</sup> Alceu, 48 (B 16). Cf. Quinn, 1961. O nome aparece como (Ἀσκάλωνα).

<sup>19</sup> Aristóteles, *Meteorologica*, 2, 359a = F4R. Traduções comentadas do texto: Ster, 1976: 6-7; Reinach, 1895: 6-9. Nesse texto aparece a expressão “lago na Palestina”. Um outro texto pseudo-aristotélico (Pseudo-Aristóteles, *De Plantis*, 2.2, 824a, 26) apresenta a expressão “Mar Morto” (ἡ νεκρὰ θάλασσα).

<sup>20</sup> Rei selêucida que emitiu decretos antijudaicos e foi responsável pela profanação do Templo de Jerusalém. É o principal vilão no relato da *Chanukah*.

antissemita em qualquer parte do mundo antigo até os acontecimentos de Alexandria no primeiro século.

Os primeiros registros maldosos contra os judeus são achados durante a época helenística e de autoria de greco-sírios ou egípcios helenizados, que viveram em Alexandria no Delta do Nilo. Os egípcios, vivendo sob o jugo ptolomaico se esforçaram em deslegitimar a história e tradição judaica, especialmente o relato do êxodo bíblico, apresentando os protagonistas, isto é, os hebreus cativos, como criminosos e leprosos que foram expulsos do Egito pela vontade e força faraônica. O primeiro a relatar essa expulsão foi o grego Hecateu de Abdera<sup>21</sup> (séc. IV a.C.), que ao fazê-lo, abriu uma nova era na área da etnografia, assim como faria Tucídides na historiografia séculos depois (Neto, 2018).

Esse heleno foi o primeiro autor ocidental a escrever um relato substancial acerca dos judeus, ainda que com uma série de problemas e deficiências. Sua obra mais relevante foi, sem dúvida, *Aegyptiaka*<sup>22</sup>, a qual foi preservada em citação na *Bibliotheca* de Diodoro Sículo<sup>23</sup>. Apesar do esforço, Hecateu comete quatro equívocos relevantes: primeiro, o autor relata que, na chegada dos judeus a Canaã, esta se achava desabitada e vazia (40.3.2); depois, também afirma categoricamente que o fundador e construtor da cidade de Jerusalém e do Templo foi senão o próprio Moisés (40.3.3); e ainda, que só após Moisés ter dividido o povo em doze tribos, entregou a Torá (40.3.3); e talvez o mais surpreendente: Hecateu, afirma que os israelitas jamais tiveram um rei (40.3.5).

O autor grego parece não compreender bem a religião dos judeus, ainda que se esforce para tal. Apesar de afirmar corretamente que os judeus não adoram imagens e que sua concepção de Deus é como um ser incorpóreo, ele acredita e faz crer que os judeus cultuam o céu. Isso se dá, tudo levar a crer, pelo fato de os israelitas evitarem pronunciar o nome sagrado de Deus, substituindo por “*Hashem*”<sup>24</sup> ou muitas vezes pela expressão “Deus dos céus” (Neto; Frighetto, 2018), que também aparece no decreto de Ciro, o Grande e no *Papiro de Elephantine*<sup>25</sup>.

<sup>21</sup> Hecateu de Abdera foi um importante historiador clássico grego. Diodoro Sículo afirma que Hecateu visitou Tebas na época de Ptolomeu I Sóter, redigindo uma história do Egito.

<sup>22</sup> Hecateu de Abdera. *Aegyptiaka*; Diodorus Siculus, *Bibliotheca Historica*, 40.3; Fócio, *Bibliotheca*, 244.

<sup>23</sup> Também conhecido como Diodoro da Sicília, foi um historiador grego que viveu no século I a.C.

<sup>24</sup> Literalmente significando “O Nome”.

<sup>25</sup> Conjunto de arquivos preservados em papiro pertencentes à comunidade judaica de Elefantina, perto de Assuã, no Alto Egito, entre 495 e 399 a.C. A fonte se encontra no Decreto de Ciro (Ed 1.2). Em 1 Macabeus há o emprego do termo “céus” em substituição ao nome de Deus, como destaca Bremmer (2010, p. 58). Cf 1Mac. 3.18-19, 50,60; 4.10, 24, 40, 55; 9.46; 12.15; 16.3. Como afirma

Teofrasto, também afirma que os judeus contemplam os céus enquanto realizam seus serviços litúrgicos. (Neto; Frighetto, 2018, p. 169). Essa ideia parece aludir às ideias platônicas (*De Leg.*, 12.966d-e) e aristotélicas (Frag. 10) nas quais se afirma que os corpos celestes são uma demonstração da existência divina.

Pode-se notar a ausência, que não é ingênua, nos escritos de Hecateu de Abdera de três pontos cruciais da cultura hebraica: o mais importante é que o autor não menciona a prática da circuncisão, o que certamente era um ponto de muito interesse dos gregos. Como aponta Schwartz (2003, p. 186), os autores gentios demonstravam grande curiosidade pela prática, e a ausência desse relato se torna ainda mais estranha ao pensar que a cerimônia da circuncisão é uma marca identitária dos judeus, que se tornou ainda mais relevante após a vitória judaica sobre os greco-sírios na revolta dos macabeus. Logo, somos levados a crer que ou Hecateu ignorava esse fato ou o omitiu conscientemente. Todavia, é mais provável que ele realmente desconhecesse o costume.

A segunda ausência relevante é a falta de menção ao *shabat*, isto é, o dia de descanso, que distingue os judeus dos demais povos e também pode ser considerada como uma marca identitária da cultura judaica. Porém, ao contrário do primeiro ponto, isto é, a circuncisão, que temos dúvidas se o autor conhecia ou não, o *shabat*, certamente era de seu conhecimento: quando Ptolomeu I conquistou Jerusalém no século III a.C., foi auxiliado pela notável falta de desejo de combater, por parte dos judeus sitiados, justamente por ser o dia do descanso.

A terceira e última falta é a mais surpreendente: a de que os judeus não possuíam reis (40.3.5). Ele pode ter assim feito por ter ouvido judeus críticos ao reinado dos hasmoneus (por estes últimos não descenderem do Rei Davi) ou, mais provavelmente, por uma dedução lógica do autor: na altura em que descreve como os judeus estratificam sua sociedade, o destaque vai para o *cohen hagadol* (Sumo Sacerdote), para o qual os israelitas de boa vontade se prostravam até o chão, uma prática que os gregos desaprovavam, e que pode tê-lo feito assimilar aos reis orientais. Aqui outra vez se faz necessário o conceito de alteridade promovido por Emmanuel Lévinas (2002), pelo qual os judeus, são definidos segundo uma descrição estrangeira e superficial sobre sua cultura.

---

Neto e Frighetto (2018), é possível que a expressão “reino dos céus” que aparece no Evangelho Segundo Mateus seja a consequência dessa preocupação.



O segundo grupo era o de autores greco-sírios, que procuravam, por todos os meios, justificar as atrocidades cometidas pelo rei selêucida, alegando que a motivação foi política e de cunho estritamente ético; eram comum a crença de que os judeus praticavam rituais de sacrifícios humanos, e daí surgiu o mito do libelo de sangue, que perdurou até o fim da Idade Média, no qual os judeus, eram acusados de matar crianças e usar seu sangue para fazer o pão ázimo, além de alegar que os judeus adoravam uma estátua de asno dentro do *Kodesh Hakodashim*<sup>26</sup> (Santo dos Santos) no Templo.

Dentro desse grupo, destacou-se como o mais infame um egípcio helenizado chamado Apion de Alexandria, filósofo, gramático e diretor da famosa biblioteca de Alexandria, importante historiador e responsável por uma extensa lista cronológica dos reis e dinastias do antigo Egito, ainda que muitas das suas afirmações sejam baseadas em tradição oral.

Sua monumental obra, intitulada *História do Egito*<sup>27</sup> e dividida em cinco volumes, é usada por Clemente de Alexandria ao falar sobre os judeus na importante obra *Stromata*<sup>28</sup>. Sobre Apion, também se dedica a falar Aulo Gélio, que o cita na sua maravilhosa obra *Noctes Atticae*<sup>29</sup> (Hidalgo, 2022, p. 114). Apion reforça a ideia de outro egípcio helenizado chamado Maneton, o qual identificava os judeus como os hicsos de Avaris<sup>30</sup>, e Moisés como o sacerdote de Heliópolis, Osarseph.<sup>31</sup>

Apion também faz uso das ideias de Apolônio de Mólion (século II a.C.), que acusa os judeus de serem irreligiosos, contrários às leis e normas, além de incapazes de qualquer trabalho útil, apresentando-os como uma praga que precisava ser exterminada. O historiador já citado Diodoro de Sículo (c. 90-30 a.C.), destacou que os judeus, sempre viveram separados e apartados da vida pública e dos interesses da cidade. O historiador Estrabão (c. 63-23 d.C.), pouco tempo

<sup>26</sup> Santo dos Santos era o local mais sagrado e reservado do Templo em Jerusalém. Lá se encontrava a Arca da Aliança (*Aron HaBrit*), à qual somente o sumo sacerdote tinha acesso no dia mais sagrado para os judeus, o *Yom Kippur*. O Santo dos Santos era dividido pela *Parochet*, uma espécie de cortina.

<sup>27</sup> Assim como fez Maneton, Apion nessa obra tenta traçar uma genealogia dos monarcas egípcios desde o primeiro e lendário faraó Menes.

<sup>28</sup> *Stromata* é o terceiro livro da trilogia escrita por Clemente de Alexandria sobre a vida cristã.

<sup>29</sup> Em tradução livre: *Noites Áticas*. Escrita em vinte volumes, versa sobre vários assuntos.

<sup>30</sup> Foi uma cidade fortificada no Baixo Egito pelo Hicsos e servia de base estratégica contra o principal inimigo do Egito na época, o Império Hitita. Foi destruída por Camés da XVII dinastia e reconstruída por Ramessés II.

<sup>31</sup> Figura lendária do Antigo Egito, é descrita por Maneton em sua *magnum opus Aegyptiaka*. A obra original se perdeu, mas Flávio Josefo a cita extensivamente.

depois iria criticar o modo de vida dos judeus na cidade, acusando-os de ter um sistema político próprio em detrimento das leis locais. Contudo, as críticas também visavam os preceitos religiosos: o filósofo estoico Posidônio, critica o monoteísmo hebraico e o descanso do *shabat*, acusando-os de serem preguiçosos e de se ocuparem de vilanias (Veghazi, 1974).

Outra acusação comum era que os judeus não eram tão antigos como alegavam ser. Apion afirma que os judeus se estabeleceram enquanto povo, já durante as Guerras Púnicas, chegando a Alexandria de maneiras ilícitas e poluindo a cidade com seus comportamentos desagradáveis. Para respondê-lo, o historiador judeu Flávio Josefo escreveu a obra *Antiguidades Judaicas*, na qual apresenta as falácias de Apion e as contrapõe utilizando autores clássicos gregos. Por mais que Flávio Josefo seja um judeu<sup>32</sup> que combateu as legiões, ele serve à narrativa romana<sup>33</sup>. Portanto, sua escrita tem uma intencionalidade clara: amenizar os malefícios causados pelos romanos, como é o caso quando Flávio Josefo narra o sítio de Massada e a resistência de Ben Yair, o Zelote, que, segundo o historiador judeu, foi um movimento irracional e sem chances de êxito (2018).

A influência que Apion teve na população grega e helenizada de Alexandria foi enorme, não somente por ocupar um cargo de destaque na cidade, mas também por possuir uma retórica apaixonada que alcançava a todas as classes. As ideias antissemitas se difundiam com mais veemência entre os jovens, isso pode ser atestado na obra *Naturalis historia*<sup>34</sup> de Plínio, o Velho, que em seu prefácio menciona Apion como um conhecido da juventude. A indagação possível de ser feita aqui é: qual o discurso enunciado nas fontes antigas que expõe o pensamento de homens como Apion e como elas contribuem para a composição da imagem do “ser judeu”? Ao contrário do que acontece hoje, quando as comunidades judaicas enunciam a sua própria identidade, no primeiro século, as fontes gregas revelavam e institucionalizaram o olhar do outro sobre a definição do povo judeu.

---

<sup>32</sup> Nascido Yossef Mattityahu, era da casta sacerdotal e após ser capturado pelos romanos, foi adotado pela família Flaviana.

<sup>33</sup> Um exemplo disso pode ser visto na suposta carta que Flávio Josefo escreveu aos judeus sitiados em Jerusalém pelas tropas de Tito. Nessa mensagem, Flávio Josefo supostamente pede para que os judeus não resistam, apelando para a história, com um certo conformismo e valorização dos romanos. Solomon ibn Verga apresenta essa carta na íntegra em sua obra *Shevet Yehuda* (1744, p. 116-121).

<sup>34</sup> *Naturalis historia* é uma enciclopédia escrita pelo naturalista romano Plínio, o Velho. A obra é dedicada ao imperador Tito, filho do imperador Vespasiano. A obra foi publicada entre os anos 77 e 79 d.C.

Já em Roma, Hermasaico, no século II, transmitia sua insatisfação ao imperador romano Trajano (53-117), sobre como a corte imperial estava repleta de judeus: “Me dói ver que vosso conselho privado está cheio de judeus”. Os poetas Juvenal (43-125 a.C.)<sup>35</sup> e Horácio (65-8 a.C.), usaram de suas habilidades de escrita para ridicularizar os judeus em peças apresentadas em Roma. Valério Máximo (século I), discursava acusando os judeus de destruírem a religião tradicional de Roma e introduzir um novo culto. O grande filósofo Sêneca (2-65 d.C.), além de chamar os judeus de “povo perverso”, ainda os acusava de preguiçosos, com a mesma justificativa dos seus antecessores: o *shabat* era uma ofensa. Cícero (106-43 a.C.), o maior orador de Roma, ao defender Valério Flaco das queixas dos judeus alexandrinos ao imperador Gaio (Calígula), acusou os judeus de interferirem na política do império e perturbarem a ordem. Tácito (55-120 a.C.), reforçou a ideia de que os judeus se apartam da vida em sociedade com outros povos e não se dedicam aos assuntos públicos, e ao tomar conhecimento das crenças judaicas, especialmente a redenção messiânica pelo poder régio de um rei-judeu, alegou que eram um risco à manutenção do Império e que deviam ser perseguidos (Veghazi, 1974).

Contudo, Apion só é comparado em maldade ao seu antecessor Maneton. Este último, nascido em Sebenito, foi sacerdote de Heliópolis, embora essa informação seja omitida pelas fontes mais antigas, exceto a *Suda* e Jorge Sincelo que, no século IX, o mencionam como sacerdote. Na obra *História da Babilônia*<sup>36</sup>, dedicada a Antíoco I por Beroso, este afirma que Maneton viveu durante o reinado de Ptolomeu Filadelfo, ou seja, entre os anos 283 e 245 a.C.

Segundo Fátima Aguayo Hidalgo (2022), foi durante a dinastia ptolomaica que Maneton se esforçou para introduzir no Egito o culto a Serápis; o culto desse deus estava profundamente vinculado à fundação de Alexandria. O que se sabe ao certo é que, apesar de Maneton ser egípcio de nascimento, foi criado e educado na cultura grega. Dessa forma, pôde examinar e se sentir apto a colocar as obras de Heródoto em suspeita. Sobre suas obras, conhece-se: *História do Egito; Críticas a Heródoto; Livro Sagrado; Sobre Antiguidade e Religião; Sobre os Festivais; Sobre a Elaboração de Kyphi; Tratado sobre Doctrinas Físicas e Livro de Sotis*.

---

<sup>35</sup> The Satires of Juvenal. VoD-Books on Demand, 2020.

<sup>36</sup> Essa informação é plausível, pois se acredita que Beroso tenha vivido a conquista de Alexandre Magno e o reinado de Antíoco I Sóter (281-261 a.C.), o primeiro da dinastia selêucida. A sua obra *História da Babilônia* sobreviveu em fragmentos em autores como Flávio Josefo.

A posição que Maneton desfrutava junto ao faraó e seu respaldo frente à sociedade da época ajudaram as ideias antissemitas de Maneton a ganhar força, especialmente em Alexandria. Suas principais acusações contra os judeus, serão trabalhadas no ponto a seguir.

### 3 CALÚNIAS E AS PRIMEIRAS ALTERAÇÕES ANTISSEMITAS

Neste capítulo, abordaremos a origem dos primeiros atos explicitamente antissemitas na antiguidade clássica. Para isso, é preciso examinar os primeiros autores não judeus que escreveram acerca da história e cultura israelita, a fim de notarmos que os detratores dos judeus eram os mais eruditos e versados de seu tempo. A constatação disso pode nos ajudar a refletir sobre o que disse Max Weber (1909), ao criticar o espaço universitário como um local não apropriado para novas ideias, mas como uma tendência à repetição dos mesmos pensamentos. Se isso é verdade, também é verdade que no ambiente erudito se reproduzem ideias superadas, como as mesmas acusações antissemitas que, de tempos em tempos, ressurgem através da retórica de homens ilustrados.

Perceber a composição do antissemitismo deve obrigatoriamente perpassar pelo conceito de identidade e como as acusações dos autores clássicos tinham como propósito desmerecer a história e tradição hebraica. Ao nos voltarmos para a histeria do ódio aos judeus, percebemos que múltiplos eram os ataques e das mais diversas naturezas.

Segundo Veghazi (1974), os ataques contra os judeus se davam principalmente no campo intelectual e poderiam ser classificados em três grandes grupos: alguns se dedicavam a questionar as origens do povo judeu, distorcendo a tradição e personagens como o êxodo bíblico e a figura de Moisés como libertador hebreu; havia outro grupo, especialmente os egípcios helenizados de Alexandria, que enumerava e apontava as deficiências quase congênitas de ordem espiritual e moral; e o último, que se esforçava em demonstrar que as leis mosaicas eram imperfeitas e muito inferiores quando comparadas as dos demais povos, especialmente às egípcias e às helenísticas.

Ainda no século III a.C., Maneton se esforçou para envergonhar e empobrecer as origens judaicas. Afirmava que os israelitas eram idiotas e leprosos, que na época do êxodo foram expulsos pela autoridade faraônica por questões sanitárias. Maneton (2015), também cita a existência de um povo obscuro conhecido pelos egípcios como *hicsos*, e Apion pode ter associado os judeus de sua época como os descendentes daquele povo. Ainda, segundo o seu relato, esse povo estrangeiro havia invadido o Egito com uso de armas e força, incendiando e saqueando cidades, além de terem profanado os templos sagrados e tratado os cidadãos locais com

extrema brutalidade, tornando mulheres e crianças escravas. A derrota egípcia pode ser explicada, segundo Maneton (2015), pela honra egípcia, pois ao se omitir da luta, o resultado não é a derrota.

Flávio Josefo (2015), confirma que esse povo *hicso* veio do Oriente, e outros textos egípcios corroboram essa ideia. Contudo, o historiador judeu não dá certeza se, de fato, esse povo antigo era o povo hebreu do êxodo. Os dois concordavam que a palavra “*hicso*” significava “reis pastores” (Josefo, 2015). Maneton não se atreveu a identificar os invasores a nenhum povo conhecido, limitando-se a descrevê-los como *βασιλεῖς ποιμένες*. Pesquisadores atuais, como Redford (2001), assinalam que o real significado do nome *hicso* seria “reis estrangeiros da Fenícia”; Bietak (2001, p. 138) observa que poderia ser “governantes de regiões estrangeiras”. O texto de Maneton (2015) ainda relata que esse governo tirânico terminou por ser caótico e ilegítimo por não respeitar a *ma’at*. A concepção egípcia explica esse episódio segundo o relato, como Seth/Tifón sendo derrotado pelo monarca legítimo, Hórus.

O que se tem certeza é que, sabendo ou não a origem dos *hicsos*, os antissemitas da antiguidade não raramente associavam os hebreus a esse povo, afirmando que, em vez de um êxodo para a liberdade do cativo egípcio, os hebreus foram expulsos. Isso ocorreu seja por representarem uma ameaça, seja como um povo usurpador e ilegítimo, seja por serem considerados leprosos.

Os judeus sentiam orgulho do fato de que seu principal líder fora um hebreu criado como príncipe no Egito, e também do fato de que seu patriarca Abraão, fora um rico chefe tribal que havia tomado a filha de um Faraó como concubina. Além disso, destacavam a posição de José como vizir do Egito. No entanto, durante a época romana, os antissemitas procuravam desqualificar essa nobre origem dos judeus para evitar que alcançassem uma ascensão social em uma sociedade estratificada por castas.

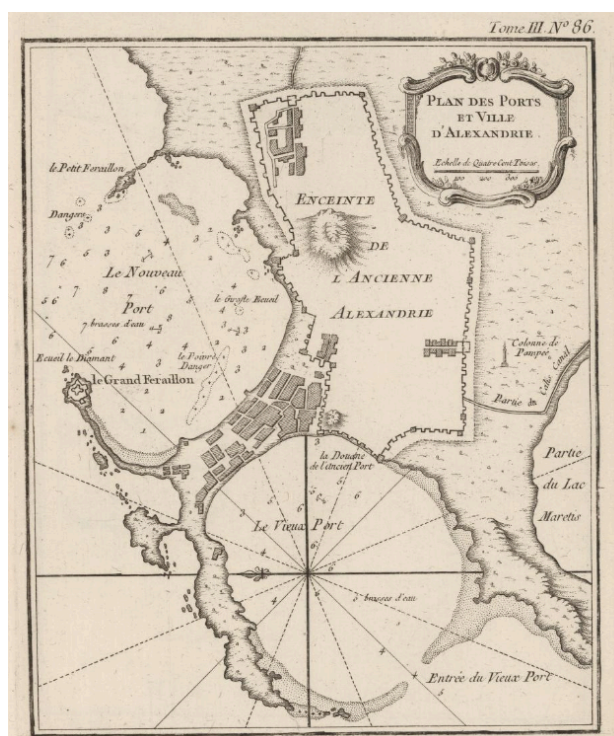
Os detratores dos judeus sugeriam que esse povo tinha origens humildes e desonrosas, e que estavam predestinados a uma existência subordinada a outros povos mais importantes. Ambos os lados, tanto os acusadores quanto os acusados, não tinham um conhecimento preciso de genealogia, mas percebiam e assumiam diferenças nas condutas e práticas em comparação a outros povos. Essas diferenças eram usadas para afirmar que a origem do povo judeu era vergonhosa, pois supostamente não conseguiam distinguir entre ética e comportamentos animalescos. Como resultado, a presença dos judeus em meio a outras

comunidades era vista como um escândalo para os costumes e tradições locais. Dessa forma, a religião judaica, ou o que os detratores consideravam uma falta de ética, ofendiam as crenças e práticas amplamente aceitas e reconhecidas pela maioria da população da cidade.

#### 4 A COMUNIDADE JUDAICA DE ALEXANDRIA NO PERÍODO ANTERIOR A 38 D.C.

Neste capítulo, propomos uma análise do período imediatamente anterior à revolta judaica no ano 70 d.C., e à destruição da cidade de Jerusalém. Alexandria, na época, era um dos centros judaicos mais importantes do mundo. Milhares de israelitas viviam, trabalhavam e participavam dos assuntos da cidade. A *urbe* romana abrigava a famosa biblioteca de Alexandria, à época administrada pelo filósofo Apion. A cultura helenística florescia, e o intercâmbio cultural atingia seu apogeu. Contudo, a relativa paz que os israelitas desfrutavam no Delta do Nilo logo acabaria, já que as acusações de seus detratores colocariam em risco a continuidade da comunidade judaica no Egito.

Abaixo, pode-se perceber a disposição da cidade e de seus portos, sendo, portanto, uma metrópole e uma importante rota comercial entre a Europa, África e Ásia. Não apenas produtos iam e vinham, mas também novas ideias, povos e costumes.



**Figura 1:** Mapa dos Portos e a Cidade de Alexandria. Por Jacques Nicolas Bellin (1764). Disponível em P638 and P3508; National Maritime Museum 211; Tooley Mapping America, p. 208-209.

O trabalho de Fílon conhecido como "*Flaco*" é uma fonte de extrema relevância para a época, pois descreve a perseguição enfrentada pelos judeus de



Alexandria no ano de 38 d.C. Segundo suas palavras, as oficinas dos judeus foram saqueadas pela multidão de gregos, enquanto estavam fechadas em sinal de luto pela morte de Drusilla, irmã de Gaio (Calígula), que ocorreu em 10 de junho de 38 d.C. em Roma. Dessa forma, levando em conta o tempo necessário para a notícia chegar a Alexandria, o período de luto mencionado por Fílon, teria ocorrido no início de julho. Além disso, Fílon relata que vários judeus foram submetidos a torturas no teatro durante o aniversário do imperador, em 31 de agosto de 38 d.C. (Faia, 2010).

Acredita-se que essa onda de violência tenha sido perpetrada pelas comunidades gregas e, possivelmente, egípcias em Alexandria. Fílon descreve, esses eventos com tantos detalhes que nos leva a crer que, se ele mesmo não os testemunhou de perto, certamente teve contato direto com aqueles que vivenciaram tais acontecimentos. O registro dessa hostilidade contra os judeus é surpreendente, considerando que durante o reinado da dinastia ptolomaica não há evidências de qualquer perseguição direcionada à comunidade judaica. Embora seja possível encontrar envolvimento judaico em disputas políticas da cidade, como ocorreu de 181 a.C., e 145 a.C., quando mercenários judeus participaram das contendas dos ptolomeus, é importante notar que isso não implicava uma perseguição generalizada contra os judeus naquela época.

De maneira geral, podemos afirmar com relativa segurança que antes do ano 38 d.C., não houve perseguição específica aos judeus por motivos raciais. Embora anteriormente tenhamos visto que Maneton fora um proeminente propagador de ideias antissemitas, acredita-se que suas escritas pouco ultrapassaram os círculos dos sacerdotes egípcios. Independentemente de concordarmos ou não com essa ideia, é fato que apenas no primeiro século encontramos escritos explícitos de ódio e hostilidade em relação aos judeus, conforme mencionado anteriormente. Essas manifestações de animosidade se destacaram principalmente em obras de autores como Lisímaco<sup>37</sup>, Querémon<sup>38</sup> e Apion de Alexandria (Veghazi, 1974, p.19).

Lamentavelmente, ao examinarmos fontes clássicas que registraram essa perseguição, nos decepcionamos ao notar que nenhuma delas apresenta claramente suas causas. Fílon de Alexandria, em sua obra "*Flaco*", fornece um

---

<sup>37</sup> Conhecido antissemita de Alexandria, suas obras, assim como as de Maneton, tiveram grande repercussão.

<sup>38</sup> Querémon de Alexandria serviu como superintendente da parte da biblioteca de Alexandria que ficava no Templo de Serápis. Era também gramático, historiador e filósofo estóico. Em 49 d.C., foi chamado a Roma junto a Alexandre de Egeas para ser tutor do jovem e futuro imperador Nero (37 d.c. - 68 d.c.).

relato minucioso dos eventos e como os antissemitas incitaram malefícios contra os judeus alexandrinos, mas ele não explica as razões subjacentes. Flávio Josefo (1994) é ainda mais vago, limitando-se a fazer uma breve alusão aos tumultos ocorridos no ano 38 d.C., mencionando apenas que houve distúrbios entre os judeus e os gregos de Alexandria. Ambos os escritores mencionam uma certa hostilidade ancestral e, de alguma forma, inata contra os judeus, mas não esclarecem suas origens.

Conforme observado, os judeus, habitaram Alexandria desde sua fundação, quando Alexandre Magno, de acordo com Flávio Josefo (2018), permitiu que vivessem na cidade e desfrutassem dos mesmos privilégios concedidos aos macedônios. Fílon, relata que os judeus se estabeleceram em colônias desde o início, "para agradar aos seus fundadores"<sup>39</sup>, e durante os trezentos anos de domínio ptolomaico no Egito, geralmente viveram em paz.

Eles se integraram tão bem à vida helenística que chegaram a traduzir a Bíblia para o grego, e houve um florescimento do intercâmbio cultural entre os judeus e os gregos. Isso resultou em pensadores notáveis, como Fílon, um filósofo judeu, que incorporava ensinamentos platônicos na interpretação das escrituras sagradas. Até as primeiras décadas do primeiro século, a população judaica em Alexandria já havia alcançado cerca de cem mil pessoas.

#### 4.1 Roma interfere em Alexandria

Ao que parece, a relação de Roma com os judeus foi, a princípio, pacífica e, na medida do possível, respeitosa. Já sobre o jugo latino, os judeus receberam em 161 a.C. o status de *pellegrini*, podendo viver segundo suas próprias leis. Em 110 a.C., foram outorgados novos privilégios, renovados posteriormente por Júlio César (Veghazi, 1974, p.6).

A intervenção política romana em Alexandria começou por volta de 273 a.C., quando o Senado concedeu a *amicitia*<sup>40</sup> romana ao faraó Ptolomeu II, o que manteve Roma atenta aos acontecimentos no Egito. No entanto, o foco será dado ao período após 55 a.C., quando ocorreram os primeiros atritos entre as comunidades judaicas e a população grega local.

---

<sup>39</sup> Flaco 46.

<sup>40</sup> Termo do latim que significa amizade.

Em 55 a.C., Aulo Gabínio<sup>41</sup>, um legado de Pompeu<sup>42</sup>, liderou um exército que enfrentou os defensores egípcios. A guarnição judaica, encarregada de proteger a cidade de Pelúcio, uma posição estratégica importante no Delta do Nilo, permitiu que o exército invasor passasse. Flávio Josefo registrou que Herodes Antípatro, avô de Herodes, o Grande, aconselhou Pompeu a agir dessa maneira.

Esse não seria o único episódio em que guerreiros judeus ajudaram as tropas romanas; por volta de 47 ou 48 a.C., uma esquadra militar judaica, de acordo com Flávio Josefo (2013), partiu de Heliópolis em direção a Mênfis, onde se juntou a Mitrídates VI do Ponto, em uma missão para libertar Júlio César, que estava detido em Alexandria devido a uma revolta popular. Contudo, Flávio Josefo (2013), acrescenta que essa ajuda foi prestada apesar da oposição da população de Alexandria, que viu a presença de Júlio César como um presságio da inevitável conquista romana.

Em 6 d.C., o Império Romano anexou a Judeia, e a região passou a ser administrada por procuradores romanos. Os israelitas, que viviam em Alexandria agora tinham um outro soberano na terra de Israel, o que gerou uma série de novos problemas. Após o ano 70 d.C., Roma, como castigo, expulsou os judeus de sua terra e renomeou a província como Palestina<sup>43</sup>, em alusão aos antigos inimigos dos judeus, os filisteus, o que ultrajou os israelitas, que agora se viam arrancados de sua terra ancestral. O mapa a seguir de James Stevenson Riggs, ilustra a região após a revolta israelita ser suprimida.

---

<sup>41</sup> Importante político romano eleito cônsul em 58 a.C.

<sup>42</sup> Pompeu Magno, um dos principais generais romanos. Formou o Primeiro Triunvirato ao lado de Júlio César e Marco Licínio Crasso. Serviu como cônsul na época de Júlio César, com o qual travou uma guerra civil e acabou morto por ordens dos conselheiros do faraó Ptolomeu XIII.

<sup>43</sup> O nome deriva do termo “plishtim” que constantemente aparece na Bíblia em referência aos Filisteus.



**Figura 2:** “Uma História do Povo Judeu durante os períodos Macabeus e Romano”. Por James Stevenson Riggs, 1900, Disponível em: Princeton Theological Seminary Library.

#### 4.2 A passagem de Herodes Agripa por Alexandria

O início de uma perseguição organizada e sistematizada é difícil de se afirmar com toda certeza, todavia, um episódio histórico chama atenção por ser um dos primeiros registros de antissemitismo devidamente registrado pelas fontes da época: quando Herodes Agripa, favorito do imperador Gaio e neto de Herodes, o Grande, foi nomeado rei dos judeus e representante legal do poderio romano na província da Judeia. Herodes, segundo Fílon (2010), chega a Alexandria sem ser convidado de passagem em direção a Jerusalém. O relato de Fílon, nos faz crer que Herodes fez o que pôde para sua estadia na cidade permanecer ignota e que a rota foi sugerida pelo próprio imperador Gaio, por ser o caminho mais rápido à Judeia. Contudo, essa versão contradiz o que o próprio Fílon relata a seguir: o cortejo real atraía os olhos da multidão devido ao “exército de lanceiros da sua guarda pessoal a desfilarem as suas armas adornadas de prata e ouro”<sup>44</sup>.

Sobre o motivo da visita, alguns autores como Van der Horst (2003), acreditam que aconteceu no ano de 38 d.C., para o pagamento de uma dívida de 200 mil dracmas contraída junto a Alexandre, irmão de Fílon. Herodes se vestiu de

<sup>44</sup> Flaco 31.

maneira pouco recatada, exibindo as insígnias imperiais romanas. Ele era, portanto, um representante dos invasores romanos. Os habitantes não judeus da cidade correram para ridicularizar o rei em peças apresentadas em praça pública. Fílon (2010), afirma que pegaram um homem louco chamado Carabás<sup>45</sup> e o vestiram como Herodes, levaram ao ginásio e o fizeram desfilarem com pompa, enquanto todos riam e zombavam dos judeus. Alguém na multidão nomeou o rei-louco de *Marin*<sup>46</sup>.

A passagem de Herodes por Alexandria, encerra uma série de problemas, especialmente para os judeus da cidade. Herodes, era um rei estrangeiro que humilhava os greco-egípcios, ao mesmo tempo em que representava o poderio romano. Além disso, havia a relação ambígua dos judeus com o seu rei: a menor demonstração de aceitação por parte deles poderia ser vista pelos cidadãos greco-egípcios como um sinal de lealdade a um monarca estrangeiro, em detrimento da cidade que os acolhera.

O governador romano na região era Flaco, que nada fez para repreender os gregos e egípcios que zombaram de um rei empossado pelo próprio senado. Herodes era um rei vassalo a serviço de Roma, e isto lhe colocava sob a proteção legal do império. A insatisfação de Herodes poderia ter levado a uma escalada de desentendimentos, até porque, como afirma Fílon (2010, p.15), “[...] [Herodes] fora distinguido pelo senado romano com as insígnias de pretor”.<sup>47</sup>

A falta de repreensão por parte do governador romano, incentivou a onda de violência aos judeus a sair do campo simbólico e se manifestar fisicamente. Os judeus foram obrigados a viver exclusivamente em bairros especiais que, no futuro, chamaríamos de guetos<sup>48</sup>. Eles eram proibidos de sair desses locais em qualquer circunstância, mesmo quando a escassez de alimentos e doenças devastavam essas comunidades. Em pouco tempo, as epidemias se espalharam rapidamente. Para piorar a situação, os navios de propriedade dos judeus, ancorados no porto foram incendiados e saqueados. Naquela ocasião, um pequeno grupo de judeus foi capturado e submetido à tortura pública, sem que ninguém viesse em seu auxílio.

---

<sup>45</sup> Flaco 36-39.

<sup>46</sup> Termo da língua aramaica usado para designar o soberano da região de Israel. O emprego dessa palavra pode, como sugere Fedman (1996, p.115), estar relacionado ao fato dos greco-egípcios considerarem que a lealdade dos judeus era para com o governante da terra de Israel e não à cidade que os acolheu.

<sup>47</sup> Flaco 40.

<sup>48</sup> O primeiro gueto moderno tem data e local de nascimento: no bairro chamado “*ghetto*” em Veneza, Itália, no início do século XVI.

As informações sobre esses eventos são principalmente derivadas dos escritos do filósofo judeu Fílon de Alexandria, que procurou aliviar o sofrimento de seu povo na cidade por meio de suas obras. Ele dirigiu esses escritos ao imperador<sup>49</sup>, com o intuito de alertá-lo sobre os danos que a perseguição aos judeus causava ao império. Para embasar suas afirmações, Fílon recorreu a autores e obras clássicas gregas, destacando a antiguidade do povo judeu. Ele tentou de diversas maneiras convencer o imperador a conceder cidadania aos judeus e protegê-los contra os abusos. No entanto, o imperador ignorou os apelos de Fílon, ocorrendo o pior na Judeia: as tropas romanas ocuparam o Templo de Jerusalém e ergueram uma estátua do imperador, o que desencadeou uma grande revolta, reprimida com violência. Para os judeus, suportar tudo era possível, exceto a profanação do local mais sagrado da Terra.

Essa sensação de impunidade incentivou muitos outros atos de violência contra os judeus, que tinham pouca ou quase nenhuma proteção. Seus poucos defensores eram ofuscados pelos homens mais importantes da cidade. Apion reforçava o ódio aos judeus proclamando a população em discursos apaixonados a eliminar os judeus da cidade alexandrina.

---

<sup>49</sup> A principal tentativa de Fílon de persuadir o imperador está registrada na obra do próprio filósofo, intitulada *Embaixada a Gaio*.

## 5 TIBÉRIO JÚLIO ALEXANDRE, O JUDEU QUE ASSEDIU JERUSALÉM

Neste capítulo, abordaremos a vida do comandante e político romano de origem judaica Tibério Júlio Alexandre, a fim de investigar sua educação proveniente de uma família aristocrática de Alexandria, o constante antissemitismo que possivelmente o levou ao abandono da religião<sup>50</sup> de seus ancestrais e à adoção das crenças romanas, e o que finalmente o levou a sitiar Jerusalém<sup>51</sup> e destruir o seu Templo. Para isso, é preciso ainda refletir sobre o sentimento de pertencimento dos judeus pós-dispersão e imediatamente após a destruição do Segundo Templo de Jerusalém.

No ano 70 de nossa era, quando o exército de Tito sitiou e destruiu Jerusalém e o Segundo Templo, acredita-se que tenha sido uma experiência traumática tanto para os judeus na Judeia quanto para aqueles na diáspora. Tradicionalmente, acredita-se que os dois templos outrora erguidos no Monte Moriá, foram destruídos no mesmo dia do calendário: 9 do mês de Av. Contudo, é mais provável que tenham sido destruídos em datas diferentes, e os rabinos, talvez para diminuir o sofrimento da lembrança, instituíram o dia 9 de Av, como o marco da destruição de ambos os santuários, algo que Lévi-Strauss poderia entender como “Mito Histórico”.

Mesmo Jerusalém sendo o centro espiritual e lar ancestral dos judeus, quando a décima segunda legião romana estava estacionada imediatamente do lado de fora das muralhas, não é possível afirmar que todos os judeus defenderam sua antiga capital, ou sequer pretendiam fazê-lo; alguns estavam do lado dos romanos.

Como afirma James (2012), a cena era muito mais complexa do que romanos contra judeus; nem todos que estavam dentro dos muros eram apenas judeus, como nem todos estacionados do lado de fora da muralha eram apenas romanos. Nessa época, muitos outros povos da região primeiro se helenizaram e, em seguida, adotaram a cultura e modo de vida romanos, incluindo os próprios judeus mais abastados, como explica Goodman: “o relacionamento entre Roma e Jerusalém foi

---

<sup>50</sup> Turner, p. 63.

<sup>51</sup> Flávio Josefo (A Guerra dos Judeus) escreve que Tito, sem ânimo para um cerco demorado às poderosas muralhas do Templo, mandou incendiar seus portões. No conselho de guerra, deliberou-se sobre a destruição ou não do santuário. Tibério, assim como a maioria, votou por preservá-lo, o que não adiantou. Durante as batalhas dos dias subsequentes, algum soldado romano atirou uma tocha em um dos cômodos do Templo, que se incendiou completamente. Levando em consideração que Flávio Josefo era um autor que, na época, servia aos interesses romanos, essa boa intenção romana para com o Templo pode ser questionada.

complicado pelo fato de que um romano poderia ser judeu e um judeu poderia ser romano”. (Goodman, 2007, p. 155, trad. nossa).

Ainda que as três legiões enviadas pelo senado para esmagar a rebelião estivessem à porta, durante o cerco, um pequeno número de soldados romanos havia trocado de lado e apoiado a revolta judaica, talvez convencidos de que Deus estava daquele lado, em uma espécie de época messiânica. Por outro lado, também há registros de judeus que abandonaram sua fé e adotaram para si o modo greco-romano de vida. Um deles foi Tibério Júlio Alexandre, sobrinho do importante filósofo neoplatônico do primeiro século Fílon de Alexandria. Era filho de Alexandre, o Alabarca, membro de uma rica e aristocrática família judaica de Alexandria e alcançou um alto status dentro do império romano, mesmo sendo de origem judaica. Poucas são as fontes e materiais que sobreviveram e que podem nos dar maiores informações sobre sua vida, todavia, é sabido que chegou ao topo da hierarquia militar romana, tornando-se o braço direito do futuro imperador Tito e o segundo em comando durante o cerco de Jerusalém.

Em um mundo onde a identidade frequentemente é usada como um escudo e a alteridade como uma arma, será que realmente precisamos nos definir em oposição aos outros? Ou será que o discurso do outro define quem eu sou? Michel Pollak, define identidade da seguinte forma:

A imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação e também parece ser percebida da maneira que quer por outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com outros. (Pollak, 1992, p. 5).

Com base nessa discussão, é possível observar que a identidade, antes de mais nada, serve para localizar o indivíduo no mundo e como respondemos aos estímulos externos à nossa cultura. Ao que parece, Tibério não continuou qualquer prática judaica nem se esforçou para fazê-lo. O importante historiador romano, Tácito (56-117), ao escrever sobre Tibério, ignora completamente o fato de ser judeu, limitando-se apenas a descrevê-lo como “alexandrino”. Portanto, a aproximação com a cultura e a sociedade estratificada de Roma pode tê-lo influenciado, como escreve Cuche: “ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos



membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista)” (Cuche, 1999, p. 177).

Contudo, outros historiadores criticaram duramente a decisão de Tibério em abandonar seu povo. Wylen, lamenta o fato de que enquanto seu tio Fílon, se esforçava em defender os judeus alexandrinos da opressão dos gregos e egípcios da cidade, chegando mesmo a organizar uma embaixada a Gaio para se queixar dos malfeitores de Alexandria, Tibério não demonstrava misericórdia para com seu povo:

Infelizmente para Fílon, a riqueza, o status e o renome de sua família os tornaram suscetíveis à assimilação. O sobrinho de Fílon, Tibério Júlio Alexandre, renunciou ao judaísmo. Tornou-se prefeito da Judeia e, posteriormente, governador do Egito. Ele foi um dos generais romanos que reprimiram impiedosamente a Grande Rebelião Judaica. Este homem não demonstrou nenhum sentimento fraterno por seu povo ancestral. (Wylen, 1996, p. 115, trad. nossa).

A discussão não é consenso nem mesmo entre os historiadores com mentalidade acadêmica. Há sempre uma tendência em tentar atribuir uma explicação dos motivos de Tibério se deixar assimilar. Murphy descreve Tibério como “completamente helenizado” (Murphy, 2010, p. 314, trad. nossa), em vez de retratá-lo como alguém que simplesmente foi absorvido pela sociedade e pelas leis romanas. Já o importante historiador Peter Schäfer, comenta que ele abandonou o judaísmo e fez carreira no serviço romano (Schäfer, 2003, p. 114, trad. nossa), não deixando claro se eram desejos contraditórios ou se a carreira militar estava condicionada à assimilação.

Uma inquietação relevante a se fazer é: por que quase não há registro, com exceção de Flávio Josefo, na historiografia judaica sobre Tibério Júlio Alexandre? Nenhum intelectual da época se preocupou em preservar em registros o fato de que um judeu assimilado liderou legiões romanas a destruir a cidade de seus ancestrais. Talvez, isso se dê graças à marginalização que Tibério sofreu de seus pares judeus, como explica Cuche:

Em outras palavras, a identidade seria preexistente ao indivíduo que não teria alternativa senão aderir a ela, sob o risco de se tornar um marginal, um “desenraizado”. Vista desta maneira, a identidade é uma essência impossibilitada de evoluir e sobre a qual o indivíduo ou o grupo não tem nenhuma influência. (Cuche, 1999, p. 178).

Portanto, por ter sido criado, até onde se pode supor, como judeu e ainda na juventude ter abraçado a cultura romana, em detrimento da sua herança hebraica,

Tibério Júlio Alexandre foi propositalmente esquecido e silenciado da literatura rabínica da época.

## 5.2 Sobre a família de Tibério Júlio Alexandre

De acordo com Veghazi (1974), o império romano, até o aparecimento do cristianismo como culto oficial em 380 d.C., não conhecia a intolerância religiosa. Por mais que romanos e gregos julgassem o judaísmo como uma religião bárbara e tribal, não desejavam o genocídio desse povo. Contudo, também são conhecidos inúmeros casos de antissemitismo, e ainda que não fosse institucionalizado, o terror causado pelas perseguições afastava muitos judeus da sua fé ancestral. Dito isso, tudo indica que as condições de vida dos judeus em Alexandria na primeira parte do primeiro século foram boas. A família de Fílon desfrutava de prestígio e bons recursos financeiros, e os judeus abastados e com boas influências, assim como a família de Fílon, poderiam alcançar altos cargos públicos.

Tibério Júlio Alexandre nasceu em Alexandria por volta dos anos 14-16. Seu pai foi Alexandre, o Alabarca, irmão de Fílon, e um dos homens mais ricos de Alexandria e, sem dúvida, um dos mais influentes da comunidade judaica local (Tcherikover, 1960, p. 418). Longe de ser totalmente assimilada, a família de Tibério possuía fortes evidências de práticas judaicas: há registros que falam sobre o pai de Tibério e como era famoso por ter dado de presente portões dourados para o Templo de Jerusalém (Goodman, 2007, p. 151, trad. nossa). A sua preocupação com a manutenção e serviço no Templo deixa claro que, apesar de não participar diretamente do serviço religioso, a família se dedicava a manter sua tradição.

Outro exemplo é o fato do irmão de Tibério ter se casado com um membro da família real herodiana na Judeia, como escreve Goodman (2007, p. 151): “o irmão de Tibério<sup>52</sup> [...] havia sido casado com a filha de Agripa, a princesa judia Berenice”. Como James (2012, p. 3, trad. nossa) escreve, Tibério Alexandre cresceu em meio a dois mundos opostos: enquanto sua família demonstrava publicamente seu apego ao judaísmo por meio de escritos religiosos, doação de grandes quantias financeiras para o Templo de Jerusalém e casamento com outros judeus proeminentes, eles também alçaram status e poder no Império Romano no qual viviam.

---

<sup>52</sup> O irmão em questão se chama Marcos Júlio Alexandre, o qual seguiu a profissão do pai, alabarca, e fez muito dinheiro com importação e exportação. Morreu em 43 ou 44 d.C., sem deixar herdeiros. Modrzejewski, p. 186.

A visão da comunidade judaica de Alexandria não era heterogênea: havia judeus mais apegados e outros mais assimilados, contudo, todos eram judeus, como afirma Schwartz:

Os judeus de sua cidade natal tinham atitudes em relação à lei judaica que variavam de adesão cuidadosa à completa apatia, e ainda assim todos eles eram judeus, pelo menos no que dizia respeito a Fílon, e nenhum teria sofrido nenhuma penalidade por sua descrença ou negligência prática. (Schwartz, 2002, p. 220, trad. nossa).

Apesar disto, não muito tempo depois, tudo indica, a condição judaica tornou-se um obstáculo para aqueles que almejavam galgar degraus na política e sociedade romana (Scliar, 2003). Portanto, vale uma análise de como se deu a carreira de Tibério e suas escolhas.

### **5.3 A sua carreira como oficial romano**

Não podemos ter certeza sobre a educação e infância de Tibério, contudo, podemos aferir com certa autoridade que ele teve uma educação judaica. Graças à influência de sua família na política romana, é provável que tenha recebido uma educação sólida em grego, latim e retórica (James, 2012). Provavelmente, o interesse de Tibério em ingressar na vida pública começou desde cedo; ele possivelmente tinha consciência que poderia alcançar altos cargos públicos numa época em que o judaísmo ainda não era um empecilho, como afirma James (2012): enquanto Fílon ganhou destaque numa época favorável para os judeus alexandrinos, Tibério iniciou sua carreira militar imediatamente após as tentativas malsucedidas de seu tio de impedir pogroms contra os judeus de Alexandria. Talvez estivesse tornando-se verdade que os judeus só poderiam alcançar sucesso na vida pública à medida que abandonassem sua fé. Não sabemos qual decisão tomou Tibério ainda em sua juventude; a verdade é que ele teve uma carreira bem-sucedida.

Em 46 d.C., foi nomeado procurador da Judeia, com cerca de 30 anos de idade, e permaneceu no cargo até seguramente 48 d.C. Após esse período, há uma lacuna sobre sua vida e pouco se sabe o que fez na próxima década, como afirma Tcherikover (1960, p. 189, trad. nossa): “Os quinze anos seguintes na vida de Tibério são um completo vazio para nós, até que ele reaparece em 63 d.C., como um oficial de alto escalão”. Outra certeza que temos é que ele foi nomeado por Gaio governador do Egito de 66 d.C., até 70 d.C., e permaneceu no cargo até quando

acompanhou Tito em sua campanha contra Jerusalém, que resultou no assalto da cidade e na destruição do Segundo Templo. Segundo James (2012), Tibério Júlio Alexandre era o segundo em comando.

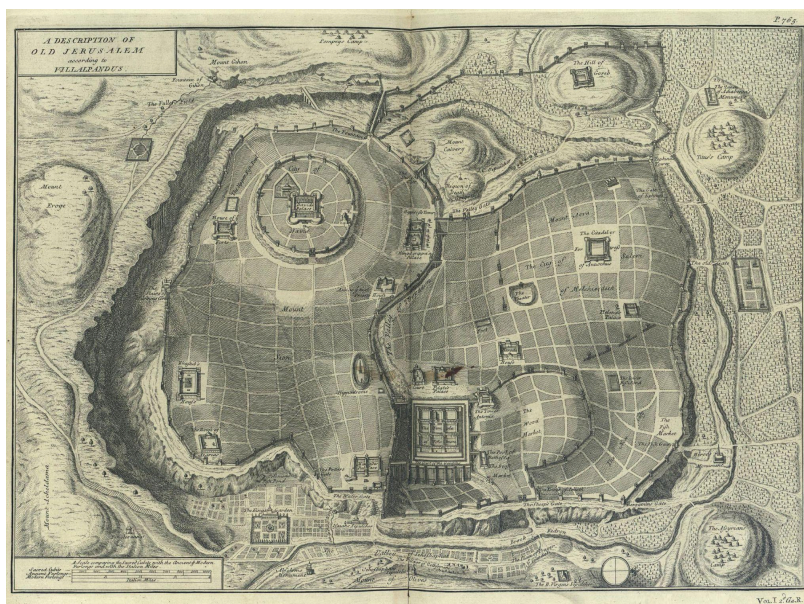


**Figura 3:** Imperador Tito Vespasiano a Cavallo, de 'Os Doze Primeiros Césares Romanos' depois da Tempestade. Por Matthaus Merian, 1610-50.

Flávio Josefo acompanhou as legiões romanas durante o cerco de Jerusalém, na época em que Vespasiano foi proclamado imperador e seu filho Tito, tornou-se o chefe da campanha militar. Murphy escreve: “Tito assumiu o comando da guerra, e Josefo tornou-se seu intérprete e guia”. (Murphy, 2010, p. 380). E como testemunha ocular da guerra, assim Flávio Josefo descreve Tibério:

Tibério Alexandre [...] foi filho de Alexandre, o chefe da alfândega de Alexandria, um dos homens mais influentes da sua época, quanto por sua riqueza. Ele foi mais eminente por sua piedade do que seu filho Alexandre, pois este último não continuou na religião de seus pais. (Josefo, 2013, p. 100-103, trad. nossa).

Aparentemente, os historiadores romanos ignoravam o fato de Tibério ser judeu de origem; na sua carreira política isso se mostrou irrelevante (James, 2012). Para os historiadores antigos, Tibério Júlio Alexandre parecia um romano; contudo, Flávio Josefo deixa clara a origem do oficial e como Tibério parecia como um judeu que não teve piedade dos seus pais. (James, 2012).



**Figura 4:** “A description of old Jerusalem according to Villalpandus” Uma descrição da antiga Jerusalém de acordo com Villalpandus (trad. nossa). Por Juan Bautista Villalpando, Espanha, século XVI.

A imagem acima, elaborada pelo padre espanhol nascido em Córdoba em 1552, Juan Bautista Villalpandus, descreve a cidade de Jerusalém no ano 70 d.C., e o sítio romano imediatamente à “Porta de Efraim”. A nordeste da gravura, é possível perceber o acampamento militar de Tito, filho do imperador Vespasiano. Sem dúvidas, Tibério Júlio Alexandre também se encontrava ali, estacionado junto às legiões.

#### 5.4 A noção de identidade e pertencimento dos judeus no primeiro século

Para uma reflexão mais honesta sobre a discussão da identidade e pertencimento a um grupo específico, nesse caso os judeus, é preciso que compreendamos melhor a estrutura religiosa desse povo. Desde pequeno, ensina-se que judeu é aquele que nasce de ventre judeu; isto é, se a mãe for judia, independentemente do pai, a criança é considerada parte do povo judeu. O maior comentarista bíblico, o francês do século 11, Rashi<sup>53</sup>, escreve:

POIS ELE AFASTARÁ TEU FILHO DE ME SEGUIR - isto é, o filho dos pagãos quando se casar com tua filha, afastará teu filho (neto) a quem tua filha lhe dará de me seguir. Isso nos ensina que o filho de sua filha que nasceu de um pagão é chamado de seu filho, mas o filho de seu filho, que nasceu de uma mulher pagã, não é chamado de seu filho, mas de filho dela, pois, você vê, em relação à declaração: “sua filha não tomarás [para teu

<sup>53</sup> A explicação de Rashi em hebraico é **כי יסיר את בןך מאחרי**. **בנו של גוי קָשִׁישָׁא אֶת בְּתֻרָת יִסִּיר אֶת בְּנֵךְ אֶשְׂרֵי** תלד לו בְּתֻרָת מֵאחֲרֵי, לְמִדְּנוּ שְׂבִן בְּתֻרָת הַ בָּא מִן הַגּוֹי קָרוֹי בְּנֵךְ, אֲבָל בֶּן בְּנֵךְ הַבָּא מִן הַגּוֹי אֵינוֹ קָרוֹי בְּנֵךְ אֶלָּא בְּנֵה, שְׂהָרֵי **comentário sobre o versículo bíblico Deuterônimo 7:3.**

filho]” não acrescenta “Pois ele afastará teu filho (neto) de Me seguir”. (Yevamot 23a, trad. nossa).

A consolidação desta lei, tudo indica, se deu durante o período de dominação romana na Judeia, na altura que muitos legionários abusavam sexualmente de jovens moças judias. Ao nascer a criança bastarda, ela poderia se ver entre dois mundos distintos, todavia, a comunidade concorda que ela é judia e parte integrante da sua sociedade.

Logo, é necessário que compreendamos mais sobre o conceito de memória coletiva, e para isso, umas das principais referências é Maurice Halbwachs, “A Memória Coletiva” (1925). Para o autor, existem duas memórias distintas: individuais e coletivas; sobre esta última, Segundo Araújo (2020), “[...] poderia recorrer à memória coletiva para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las e mesmo para cobrir alguma de suas lacunas, porém seguindo seu próprio caminho”.

Josefo diz que o sobrinho de Fílon, Tibério Júlio Alexandre, havia abandonado sua religião ancestral (Guerra 2.5.2), no entanto, temos dados insuficientes para dar sentido a isso. É este um julgamento de Josefo que Tibério Alexandre teria contestado acaloradamente? Tibério Alexandre renunciou ao judaísmo? Ou ele silenciosamente ignorou as práticas judaicas quando não estava na comunidade judaica? [...] nenhum detalhe é dado e a interpretação precisa é impossível. (Grabbe, 2000, p. 297, trad. nossa).

O pensador e antropólogo argentino Néstor García Canclini escreve: “Os bens reunidos na história por cada sociedade não pertencem realmente a todos, ainda que formalmente pareçam ser de todos e estar disponíveis para que todos os usem”, (Canclini, 1997, p. 60). Logo, o simples fato de Tibério pertencer a um determinado grupo e de, pelo menos na infância, compartilhar dos mesmos deveres religiosos e culturais, não significaria necessariamente que ele tivesse zelo por tal, seja por não considerar algo importante, seja por acreditar que apenas as elites judaicas - da qual a família dele fazia parte - poderiam gozar de seus privilégios.

Pensadores como Wieviorka (2012), destacam um aspecto acerca de uma questão que frequentemente emerge ao discutir o conceito de diversidade cultural: a propensão à uniformização cultural, isto é, à suposição de que todos os indivíduos provenientes de um determinado grupo, etnia ou localidade compartilham idênticos desejos e traços. Evidentemente isso não corresponde à verdade, pois não compartilham as mesmas experiências. Ainda que compartilhassem das mesmas

experiências, sua concepção do vivido poderia ser diferente. Logo, é forçoso acreditar que indivíduos têm ideias e objetivos diferentes. O maior exemplo disso pode ser na reflexão do esforço empregado por Fílon de Alexandria em *Flaco* e *Embaixada a Gaio* para defender a população judaica de Alexandria, mesmo que ele próprio aparentemente não fosse tão religioso. Em contrapartida, seu sobrinho, Tibério Júlio Alexandre, não demonstrou o mesmo entusiasmo na manutenção de sua tradição ancestral, tornando-se algoz do seu povo. É evidente que ao fazê-lo, Tibério não se enxergava como judeu, mas sim como romano. Seus interesses e lealdade estavam em Roma, não em Jerusalém.

Wieviorka (2012), amplia ainda mais a atenção a um elemento que merece ser examinado, a fim de evitar a tendência de interpretar as culturas de uma sociedade como uniformes: a presença de indivíduos constantemente em movimento, pois perceber a formação da identidade de um povo é, sobretudo, destacar os signos de cultura como elemento base identitária. A partir do olhar crítico, somos conduzidos, como alerta Walter Benjamin (2013), à necessidade de lançar um olhar apurado sobre o outro e não a um “totalizante”, de modo a combater estereótipos.

Alexandria do primeiro século era o centro do mundo intelectual; lá se reuniam filósofos, poetas, gramáticos, etc. Essa experiência para os judeus daquela cidade<sup>54</sup> pode ser comparada à Torre de Babel, que foi o exílio na Babilônia<sup>55</sup>, levada a cabo séculos antes por Nabucodonosor II, que expôs os judeus a uma grande variedade de culturas. Como exemplo, não temos sequer a certeza se Fílon, um homem versado, sabia ler hebraico ou se utilizava da septuaginta<sup>56</sup>. Logo, não é de se estranhar que Tibério tenha sido absorvido pela cultura greco-romana, hegemônica na região. Portanto, é bem possível que Tibério tenha escolhido por vontade própria – e interesses políticos – adotar outra cultura. Wieviorka escreve:

Indivíduos escolhem pertencer a uma identidade ou outra, ou se libertar de uma: sua identidade é autodeterminada. Se eles afirmam aderir a uma identidade específica ou a uma minoria, não é, ou não apenas é, porque seus pais pertencem a ela; é mais o resultado de uma decisão pessoal. Em democracias, é muito provável que o multiculturalismo constantemente

---

<sup>54</sup> Chegando na Babilônia, os israelitas se acomodaram ao Norte e a Oeste junto ao rio Kvar, ocuparam também centros como Tel Aviv (Colina das Primaveras). Observação: não confundir com a atual cidade de Tel Aviv em Israel.

<sup>55</sup> Ver: Ezra Y. Haddad. *Los Judíos de Babilonia e Irak*, Buenos Aires, 1972.

<sup>56</sup> Como já citado, foi a primeira tradução da Bíblia hebraica para o grego. Segundo a lenda, setenta rabinos foram enclausurados separadamente enquanto traduziam o texto sagrado; concluído o trabalho, as cópias foram comparadas para averiguar quaisquer alterações.

colida com o individualismo, que afirma que os direitos são concedidos aos indivíduos e não aos grupos. (Wieviorka, 2012, p. 227, trad nossa.).

Portanto, a cultura judaica e seus lugares de memória não parecem importar a Tibério; tudo indica que para ele a Judeia não passava apenas de mais uma província romana que deveria permanecer integrada e obediente. Na sua época, o Templo de Jerusalém ainda se encontrava de pé e era o lugar mais sagrado para os judeus espalhados pelo mundo. Contudo, até onde se sabe, reforçado pelo fato de “não ter piedade dos pais” (James, 2012, p. 8), Tibério não teve nenhuma dúvida ou remorso quando participou da destruição do Templo no ano 70 d.C. Não só isso, ele que certamente conhecia as crenças básicas judaicas, como a observância do sábado, assistiu e possivelmente ordenou que as legiões romanas atacassem as muralhas<sup>57</sup> de Jerusalém justamente no sábado, sabendo que os judeus estariam menos dispostos a lutar.

Desde a primeira brecha na muralha da cidade, demoraram três semanas para que os romanos alcançassem o templo e o destruíssem. Tradicionalmente, acredita-se que a data que marca esse evento é o dia 9 do mês de Av. Nesta data, os judeus lamentam e relembram a primeira e a segunda destruição do seu santuário; a primeira por Nabucodonosor II e depois por Tito e Tibério. Por questões práticas, convencionou-se que a destruição de ambos os santuários ocorreu no mesmo dia. O que restou do outrora imponente Templo de Jerusalém foi o muro oriental construído por Herodes, que hoje representa o principal local de peregrinação e, conseqüentemente, lugar de memória dos judeus em todo o mundo (Nora, 1993), até mesmo pelos judeus etíopes, que, até recentemente, não tinham conhecimento de que houve um segundo Templo no Monte Moriá, mas que hoje concordam ser o lugar mais sagrado ainda de pé.

Essa situação nos parece análoga quando refletimos que o muro das lamentações configura-se como um lugar de memória, bem definida por Pierre Nora (1993), e sujeita a todo tipo de construção e adaptação, enquanto o responsável direto pela destruição é completamente esquecido, quando não totalmente ignorado pela maioria dos judeus. O conceito de esquecimento do Nora se enquadra perfeitamente ao caso do Tibério Júlio Alexandre. Portanto, ainda segundo o autor

---

<sup>57</sup> Tradicionalmente, 17 de Tamuz é a data que marca a primeira brecha nos muros de Jerusalém. Três semanas depois, os soldados romanos adentram ao santuário.



francês, a memória sempre é seletiva e o esquecimento inevitável. Ambos são componentes essenciais da construção da identidade (Nora, 1993).

Logo, é possível aferir que o esquecimento não é apenas um ato passivo; muitas vezes, é ativamente construído e moldado pela sociedade (Nora, 1993). O nome de Tibério Júlio Alexandre ter caído no esquecimento foi uma ação consciente da comunidade judaica, possivelmente para minimizar o trauma de um dos seus - por mais que ele não se reconhecesse como parte de tal - ter arrasado e destruído seu povo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática do antissemitismo na antiguidade remete a uma análise histórica complexa e repleta de nuances. O antissemitismo, ou seja, o preconceito, ódio e discriminação contra o povo judeu, teve raízes profundas na antiguidade e influenciou significativamente a trajetória desse grupo étnico ao longo dos séculos. Para além de uma genealogia do ódio aos judeus e sua cultura, esse trabalho se dedica a entender e analisar através de uma análise metódica a institucionalização do ódio e o momento em que, devido ao antissemitismo, o judaísmo se tornou um empecilho para a carreira pública no Império Romano do primeiro século. Como eixo norteador, utilizamos o caso de um oficial romano de origem judaica, Tibério Júlio Alexandre, e, segundo nossa tese, como seu abandono ao judaísmo devido ao antissemitismo generalizado em Alexandria acabou tornando-o o mais terrível alzo dos judeus em Jerusalém, na medida que foi um dos comandantes do cerco e da destruição do Templo. É possível que também tenha auxiliado na cobrança humilhante do *Fiscus Judaicus*.<sup>58</sup>

Tibério Júlio Alexandre, nascido de um ventre judeu em um ambiente judaico, educado segundo a tradição hebraica, filho e sobrinho de gente ilustre, graças à influência financeira de sua família foi instruído nas letras clássicas, estudando grego e latim, além de se dedicar à lógica (James, 2012). Não se sabe se a sua ascensão se deu antes ou depois do abandono da sua fé, já que historiadores clássicos, como Tácito, e outros modernos, como Goodman, simplesmente ignoram sua origem ou se fora levado à assimilação por escolha consciente. Em todo caso, o abandono do judaísmo e adoção dos costumes latinos era condicionante para uma carreira de sucesso. Sobre isso, Goodman escreve:

Para [Tácito], as origens de Tibério Alexandre como judeu eram aparentemente irrelevantes. Sua carreira exemplificou a disposição da elite romana de ignorar as origens étnicas e raciais de províncias que procuravam ser tratadas como romanas, contanto apenas que o indivíduo em questão adotasse totalmente os costumes romanos. (Goodman, 2007, p. 152, trad. nossa).

---

<sup>58</sup> Foi um imposto cobrado aos judeus no Império Romano após a destruição de Jerusalém. As receitas eram destinadas exclusivamente à construção do Templo de Júpiter Optimus Maximus, na cidade de Roma. Esse imposto envergonhava os judeus; todavia, também funcionou como ferramenta de pacificação, uma vez que os contribuintes ficavam isentos de sacrificar animais aos deuses romanos. A menção desta taxa é encontrada nas obras de Flávio Josefo (*A Guerra Judaica*); de Suetônio (*Os Doze Césares*) e Cassius Dio (*História Romana*), além de um pequeno número de receitas fiscais de origem egípcio-romana.

O questionamento sobre se o fato de Tibério ser judeu o atrapalhou ou não em sua carreira política como oficial romano é incerto. Contudo, é possível aferir com relativa confiança que os seus pares romanos, pelo menos alguns dos quais tinham desavenças, jamais esqueceram suas origens judaicas. É interessante refletir que, mesmo após ter adotado a cultura romana, Tibério Júlio Alexandre continuou, tudo indica, a ser vítima de antissemitismo. Juvenal, no primeiro discurso de “Sátira”, reclama de passar por estátuas no Fórum Romano que supostamente representavam Tibério. Ele escreveu: “[...] nas quais algum alabarca egípcio teve a audácia de colocar seus próprios títulos. Nesta imagem é correto fazer mais do que urinar.” (Juvenal, Sátiras, 1.129-131). Por mais que o oficial judeu tentasse se desvencilhar de suas origens, não o conseguiu e, pior, reforçou o antissemitismo e sujou as mãos com o sangue do seu próprio povo, que no final, também acabou por rejeitá-lo, jogando-o no esquecimento.



**Figura 5:** Angelus Novus. Paul Klee, 1920. Acervo do Museu de Israel. Disponível em: <http://www.imj.org.il/imagines/collections/item.asp?itemNum=199799>

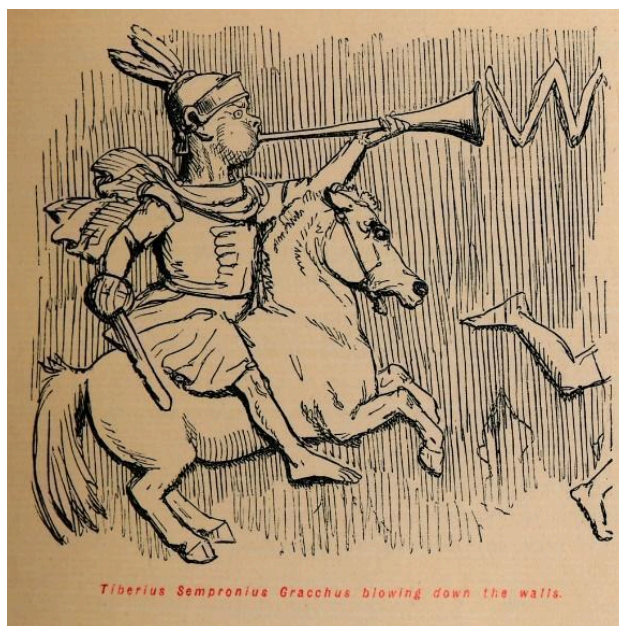
O mais versado dos oradores romanos, Cícero (106-43 a.C.), certa vez anunciou que a história era a mestra da vida, que guiaria a humanidade ao progresso em uma teleologia na qual os historiadores tomariam parte decisiva. No século XX, os marxistas também concordavam que o papel do historiador era conduzir a sociedade a um estágio final da evolução. Contudo, desde a década de 1950, com a ascensão do pensamento pós-modernista, os historiadores e a própria

historiografia não mais pretendem tal empreendimento, limitando-se a iluminar algum problema a fim trazê-lo à discussão.

Mas por que insistir em um tema como esse, então? O sol é a glória dos mortos, mas apenas os vivos podem aquecer-se sob seus raios. Tratar sobre o antissemitismo na antiguidade é mais do que discutir textos e pessoas que a muito se foram, cujas lembranças chegam dia a dia mais tênues. No entanto, há uma certa esperança de que, ao nos depararmos com o "anjo da história" enunciado por Walter Benjamin, não fiquemos como o autor alemão o descreve: "[...] Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos" (Benjamin, 1987, p.226), senão que, na medida do possível, possamos evocar o modelo de alteridade já descrito por Emmanuel Lévinas.

Com este trabalho, ansiamos por termos esclarecido o que consiste a origem da institucionalização do antissemitismo na antiguidade, e de que forma se deu a influência dos greco-sírios e dos egípcios helenizados nas primeiras colônias e consequente antissemitismo, o que, por sua vez, conduziu o povo judeu à assimilação forçada ou por conveniência.

A problemática da assimilação causada pelo antissemitismo ao longo da história nos convida a refletir sobre a importância de respeitar e valorizar a diversidade cultural e religiosa. Enfrentar o antissemitismo e outras formas de preconceito é fundamental para garantir que os indivíduos possam preservar suas identidades culturais e religiosas sem medo de discriminação, e para que a sociedade como um todo se beneficie com a riqueza da pluralidade de perspectivas e experiências.



**Figura 6:** Tibério Júlio Alexandre derrubando as muralhas. John Leech, 1852.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUAYO HIDALGO, Fátima. **Flavio Josefo, transmissor de Manetón**. 2022.
- ALMEIDA, José Carlos Silva de. **Sêneca e o ambiente hebraico de Roma**. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 6, n. 16, p. 199-210, 2014.
- APPELBAUM, Alan. On the Apostasy of Tiberius Julius Alexander. **Journal of Ancient Judaism**, v. 14, n. 1, p. 47-76, 2023.
- ARAÚJO, Felipe Nascimento de. Considerações Teóricas a partir de um Debate Conceitual entre a Memória Coletiva e a Memória Cultural. **Revista Expedições**, Morrinhos/GO, v. 11, Fluxo Contínuo, jan./dez.2020.
- ASSMANN, Jan. **Historia y mito en el mundo antiguo**: Los Orígenes culturales de Egipto, Israel y Grecia. Madrid: Editorial Gredos, 2005.
- BAR-KOCHVA, Bezalel. **Lysimachus of Alexandria and the ostile traditions concerning the Exodus**. Tarbiz 69, pp. 471, 2000.
- BARRETT, A. A. **Caligula**: The Corruption of Power. London, 1989.
- BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Autêntica, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **"Sobre o Conceito de História"** (1940). In: Obras Escolhidas, v. I, Magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 226.
- BIETAK, M., 2001a, **Hyksos**. En REDFORD 2001d II, pp. 136-143.
- BILDE, Per. **Flavius Josephus between Jerusalem and Rome**: His Life, his Works, and their Importance. Worcester. Sheffield Academic Press, 1988.
- BRAUDEL, Fernand. **El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II**. Tomo 2. Fondo de cultura económica, 2015.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **El patrimonio cultural de México y la construcción imaginaria de lo nacional**. In: FLORESCANO, Enrique (coord.) *El patrimonio nacional de México*. México: FCE, CONACULTA, 1997.
- DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos**: Da época da divisão do reino até Alexandre Magno: com um olhar sobre a história do judaísmo até Bar Kochba. Editora Sinodal, 1997.

FAIA, Tatiana. **Embaixada a Calígula**. Agustina Bessa-Luis e uma memória de Fílon de Alexandria. 2010.

FAIA, Tatiana José Rodrigues. **Fílon de Alexandria, Flaco**: tradução, introdução e notas. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos) - Departamento de Estudos Clássicos, Universidade de Lisboa, Lisboa.

FELDMAN, Louis H.; LEVISON, John R. **Josephus' Contra Apionem**. Holanda: Brill, 1996.

FÍLON, **Embaixada a Gaio e outros textos**. Imprensa da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2020.

FONDA, Ênio Aloisio. A diáspora judaica em Roma das origens até Nero (II): o proselitismo judaico em Roma. **Revista de História**, v. 40, n. 81, p. 37-49, 1970.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

GOODMAN, Martin. **Rome and Jerusalem: The Clash of Ancient Civilizations**. New York: Vintage Books, 2007.

GORODOVITS, David. **Bíblia hebraica**. Editora e Livraria Sêfer LTDA-ME, 2012.

GRABBE, Lester L. **Judaic Religion in the Second Temple Period**. London: Routledge, 2000.

HADDAD, Ezra Y. **Los Judios de Babilonia e Irak**. Versión castellana de Jaime Barylko. Congreso Judío Latinoamericano. Buenos Aires, 1972.

JAMES, Marisa Elana. The Jew who Pulled Down the Walls: Tiberius Julius between Alexandria and Jerusalem. **Rabbinc Civ. I** - Jan. 19, 2012.

JOSEFO, Flávio. **Antigüedades Judías**. Libros I-XI. Edición de José Vara Donado. Madrid: Akal. 2013.

JOSEFO, Flávio. **História dos hebreus**. Clube de Autores, 2018.

JOSEFO, Flávio. **Contra Apião**. Tradución y nota de Margarita Rodríguez de Sepúlveda. Madrid: Editorial Cremos, 1994.

JUVENAL, Decimus Junius. **The satires of Juvenal**. BoD – Books on Demand, 2020.

KLEPFISZ, Heszal. **El Talmud: historia y trascendencia**. Congreso Judío Latinoamericano. Buenos Aires, 1976.

LÉVINAS, Emmanuel. **De Deus que vem à ideia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

MANZANARES, César Vidal. **Manetón: Historia de Egipto**. 1993.

MASRIYA, Yahudiya. **Los Judios en Egipto: reseña de 3000 años de historia**. Trad. Roberto A. Gombert. Congreso Judío Latinoamericano. Buenos Aires, 1972.

MÓVEL, Cultura et al. (Ed.). **Bíblia Sagrada** (Edição Digital Inteligente). Cultura Móvel, 2014.

MURPHY, Frederick J. **Early Judaism: The Exile to the Times of Jesus**. Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2010.

NETO, Willibaldo Ruppenthal. O relato de Hecateu de Abdera sobre os judeus. **Revista Hypnos**, n. 41, p. 166-192, 2018.

NETO, Willibaldo Ruppenthal; FRIGHETTO, Renan. A Identidade Judaica e suas Fronteiras no Relato de Hecateu de Abdera. **Revista Estudos Teológicos**, n 58, p. 163-177, 2018.

NORA, Pierre *et al.* Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

PLATKIN, Abraham. **La Historia del Hebreo**. Congreso judío Latinoamericano. Buenos Aires, 1967.

SALES, José das Candeias. **A obra de Maneton e o culto alexandrino a Serápis: dois instrumentos de organização da memória ptolomaica**. Discursos: língua, cultura e sociedade, p. 61-87, 2001.

SALES, M. G. N. **Breve História do Antissemitismo na Antiguidade**. Campina Grande: Editora Antropus, 2023.

SCHÄFER, Peter. **The History of the Jews in the Greco-Roman World**. London: Routledge, 2003.



SCHURSTER, Karl.; LEITE, Alana de Moraes. Disputas Historiográficas acerca do Nazismo e do Holocausto. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 26, n. 2, 2020.

SCHWARTZ, Daniel R. Diodorus Siculus 40.3 – Hecataeus or Pseudo-Hecataeus? In: MOR, Menahem et al. (eds.). **Jews and Gentiles in the Holy Land in the Days of the Second Temple, the Mishnah and the Talmud**: a collection of articles. Jerusalem: Yad Ben-Zvi, 2003. p. 181-197. SHEA, William H. The Sabbath in Matthew 24:20. *Andrews University Seminary Studies*, v. 40, n. 1, p. 23-35, Spring, 2002.

SCLIAR, Moacyr. **Judaísmo**. Editora Abril, 2003.

SILVA JÚNIOR, Valter Bueno da. *et al.* **Vita de Flávio Josefo**: uma narrativa de autorrepresentação (94-101 dc). 2015.

SOUZA, Jônatas Ferreira de Lima; KAROL, Luiz. **As origens dos judeus nas histórias**, v1-13 do historiador romano Tácito (século II eC), 2017.

SUETÔNIO. **A vida dos doze Cézares**. São Paulo: Prestígio, 3. ed. 2002. Torallas Tovar, Sofía (trad.), Balzaretti, Lena (rev.), *Tratados Histórico-Teológicos: Contra Flaco*", Fílon de Alejandria: *Obras Completas*, vol. V, José Pablo Martín (ed.), Madrid: Editorial Trotta, 2009.

TCHERIKOVER, Victor A.; FULKS, Alexander. **Corpus Papyrorum Judaicarum**. Volume II. Cambridge, MA: Harvard University, 1960.

VEGHAZI, Esteban N. **El Antisemitismo en la Antigüedad**. Congreso Judío Latinoamericano. Buenos Aires, 1974.

WIEVIORKA, Michel. Multiculturalism: a concept to be redefined and certainly not replaced by the extremely vague term of interculturalism. In: **Journal of Intercultural Studies**. Routledge, 33:2, p. 225-231, 2012.